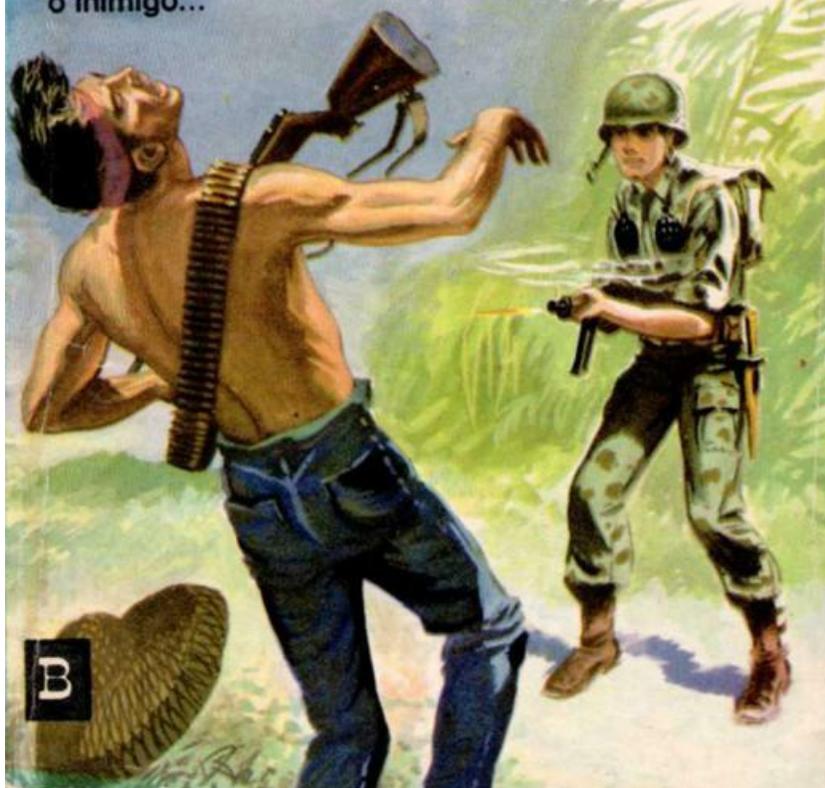




O TEMPLO MISTERIOSO

glenn parrish

As costas,
o incêndio
e à frente,
o inimigo...



B

O

Templo

Misterioso

O TEMPLO MISTERIOSO - GLENN PARRISH

O Tenente Sagnier estava lutando na guerra.

Treinar os legionários, ensiná-los a atirar e a sobreviver na selva era um trabalho árduo.

Os vietnamitas também não eram adversários fáceis...

Mas, e uma bela mulher... seria um adversário fácil de vencer?

Em meio à guerra, descobre-se que há um espião em meio aos legionários... quem seria este traidor?

Qual não seria a surpresa do tenente ao descobrir, além deste, outros mistérios que envolviam seus legionários e um misterioso templo na Indochina.

Um livro surpreendente e com muitos tiros, como todo bom faoreste.

Disponibilização: Lukka

Digitalização: Marina Campos

Revisão: Carol Romani

Formatação: Edina

CAPÍTULO I

O médico usava uma pedra de esmeril, presente de um conhecido, empregado numa fábrica próxima do hospital. O esmeril fora previamente esterilizado e depois encaixado a um buril elétrico, com enorme velocidade de rotação.

— Levante o braço, Wolf — ordenou o cirurgião ao homem, nu da cintura para cima, à sua frente.

— Sim, doutor.

O paciente era jovem, de uns vinte e poucos anos, alto, forte e cabelos e olhos castanhos. Ergueu o braço esquerdo e apoiando a mão na nuca, deixou duas sinistras iniciais e um outro sinal, indicando seu tipo de sangue, à mostra.

Passando um algodão embebido em álcool em toda a região da tatuagem, o médico apanhou o aparelho elétrico e o ligou. A pedra de esmeril rodou a uma velocidade espantosa.

— Doerá um pouquinho! — avisou o cirurgião. O esmeril lixava a pele do rapaz, apagando os sinais a pouco e pouco. O médico trabalhava com rara habilidade, e em poucos segundos as fatídicas iniciais desapareceram por completo. Ao terminar tudo, vendou cuidadosamente o braço do paciente, e desligando depois o aparelho, exclamou:

— Pronto, Wolf!

— A tatuagem não voltará, doutor? — perguntou o jovem passando a língua nos lábios de um modo apreensivo e nervoso.

— Daqui a duas semanas, nem com microscópio se notará. Já fiz dezenas dessas operações e nunca houve nenhuma reclamação posterior. Fique tranquilo, Wolf.

Todavia o paciente não se satisfazia, e continuou:

— Apesar de tudo, doutor... Se me descobrirem, estou frito!

— Ora, você mudou de nome — o médico sorriu — e raspou a tatuagem... Descanse, não precisa ter medo. Além disso, segundo minha opinião, você não fez nada.

A expressão do rapaz tornou-se carrancuda.

— Pertenci a essa maldita organização. Eu não queria, não me agradava absolutamente... Mas fui obrigado... Eu e muitos outros... Marcaram nossos braços... No entanto, nem tomei parte na guerra... Permaneci todo o tempo num escritório...

— Fume um cigarro, Wolf, e procure se acalmar... Está muito nervoso.

O jovem apanhou o cigarro e o examinou com surpresa.

— Americano! — exclamou vivamente. O médico piscou-lhe o olho.

— O supervisor do hospital é um capitão americano. Boa praça: Gosta de aprender coisas novas, mostra-se muito amigo, e vez ou outra distribui cigarros.

— Sim, claro... — Wolf inalou o fumo com força. — Não sei o que fazer, doutor. Se me pegassem, não ficaria numa situação muito agradável...

— Mas se você não fez nada... se durante toda a guerra, ficou num escritório...

— Uma vez alguém por minha culpa... Eu não... Se me apanharem, pedirão contas dessa morte, doutor... — passou a mão pelo pescoço como se estivessem a enforcá-lo. Na realidade, não fiz nada... Mas ela morreu... E outra pessoa também.

— Se não as matou, não tem porque se preocupar. Dentro de duas semanas, repito, ninguém saberá de sua antiga filiação ao SS.

— Eles me enforcarão, doutor. Não sei... Que aconteceria se eu contasse a história tal como realmente sucedeu? Acredita que eles acreditariam em mim?

O cirurgião sacudiu cuidadosamente a cinza do cigarro, e falou lento:

— Escute, Wolf: perdemos a guerra. Lembre-se disso. Estamos à mercê do vencedor. Para que aceitassem sua história, seria necessário muito boa vontade, e isso é absolutamente impossível, compreende?

— Os americanos... talvez os ingleses... — sugeriu timidamente.

— Estão muito ocupados, não terão tempo para isso. Se quer um bom conselho, desapareça durante algum tempo. Essa situação não perdurará eternamente, mais dia, menos dia, terminarão os julgamentos dos criminosos de guerra.

— Criminosos de guerra? Não é bem o termo.

— Quem sabe! Desapareça, Wolf. Talvez com o tempo você possa voltar novamente e começar vida nova. Enquanto isso, não lhe resta outro remédio a não ser permanecer na sombra.

— Sim, é uma boa ideia. No entanto, onde esconderia, durante dois ou três anos, doutor?

O homem refletiu alguns momentos, dizendo finalmente:

— Você fala francês como um parisiense, não é, Wolf?

— Sim, falo.

— Então, se quer seguir um bom conselho, vá para Estrasburgo.

— Estrasburgo? — exclamou o paciente apavorado. — Fica na França, doutor! Que há lá?

— Um escritório de recrutamento da Legião Estrangeira.

CAPÍTULO II

A patrulha se compunha de uns vinte homens sob o comando do tenente Frederic Sagnier. Os homens, levando às costas toda a equipe de combate, caminhavam pela selva indochinesa, suportando o péssimo estado do solo, cheio de charcos, e os mosquitos, zumbindo continuamente ao seu redor. Para qualquer direção que olhassem, deparavam sempre com a floresta impenetrável, de onde subia uma tênue neblina amarelada.

Caminhavam em silêncio, atentos aos menores ruídos da selva, de onde podiam partir, a qualquer momento, os disparos mortíferos dos vietnamitas. Silenciosos, mas cada homem, no seu íntimo, sentia a presença invisível e opressora da morte. Suavam copiosamente e respiravam enojados, o ar insalubre da região, sem atrever-se a enxugar a transpiração para não ficarem desarmados.

Subitamente o Tenente Sagnier fez o sinal de parada. Dois homens se colocaram em posição de olhar para a direita, dois para a esquerda, e dois outros a retaguarda.

Três legionários aproximavam-se correndo do oficial. Pararam a pouca distância.

— Tenente, localizamos a aldeia.

— Longe? — perguntou o oficial, homem jovem e simpático, de uns vinte e seis anos.

— A uns quatrocentos metros daqui, atrás daquele morro.

— Estudaram a localização?

— Sim, senhor. A aldeia tem umas cinquenta cabanas, e está na margem de um riozinho, fácil de se vadear. Do outro lado, há algumas plantações, formando uma espécie de curva, na margem do mesmo rio, do lado de cá.

— Oeste! — murmurou Sagnier após um rápido cálculo mental. Virou a cabeça e pediu: — O rádio!

O soldado, encarregado do aparelho transmissor, apressou-se a alcançar o oficial.

— Ponha-me em contato com o comandante! — ordenou Sagnier.

— Sim, tenente!

O soldado tirou a mochila dos ombros, e se ajoelhando no chão, desamarrou-a, retirou a antena e começou a chamar.

Um momento depois recebia resposta, e passou então, o telefone para o oficial. O tenente Sagnier, já com o mapa da zona de operações preparado, segurou o fone.

— Annete a Linda — falou.

— Linda a Annete — retrucou uma voz. — Adiante.

— Localizamos a aldeia. Situada... — consultou o mapa — há uns quatrocentos metros do norte da quadrícula 5 S 4. Solicito instruções.

— Bom — continuou o comandante. — Esquadrinhe a aldeia, choça por choça, e procure fazer um ou dois prisioneiros, no caso de haver guerrilheiros, destruindo a povoação logo.

Sagnier fez um movimento brusco ao ouvir a ordem.

— Mas, comandante...

— É uma ordem, tenente. Cumpra-a.

— Sim, senhor. Mais alguma coisa?

— É tudo.

Sagnier devolveu o aparelho para o soldado que o guardou na mochila alçando-a novamente aos ombros, e colocando-se atrás do oficial.

— Sargento Leducq! — chamou Sagnier. Um homem apresentou-se no mesmo instante.

Robusto, quase gordo, de olhar claro e franco, tinha uns trinta anos. Sagnier confiava muito no segundo oficial Leducq, que em diversas ocasiões demonstrara sua habilidade e competência.

— Tenente!

— Fique com o comando da metade da patrulha e rodeie a aldeia pelo norte. Nós iremos pelo sul e nos reuniremos na povoação.

— Sim, tenente.

Leducq voltou-se, chamou nove legionários pelo nome, e marchando à frente do pequeno grupo, tomaram a direção do povoado.

— Agora nós! — falou o tenente.

Os soldados restantes seguiram Sagnier.

O calor e os mosquitos continuavam e percorrer os quatrocentos metros que os separavam da aldeia, pareceu-lhes um verdadeiro suplício.

Sagnier e os homens alcançaram o fim da floresta, e esperaram um pouco numa enorme tensão.

A aldeia parecia deserta, mas em todo caso, não seria bom confiar inteiramente, talvez, por detrás das paredes de palha e bambu das cabanas, olhos atentos os espionassem, e mãos acostumadas, se preparassem para atirar.

— Bom — resolveu finalmente o oficial. Nada adiantava permanecer à espera, e em todo caso, precisavam revistar as choças.
— Vamos!

Saíram da selva, e separados uns dos outros por três ou quatro metros, com os dedos nos gatilhos das armas, avançaram.

Vadearam o rio, cujas águas, negras e pestilentas, alcançavam-lhe apenas os joelhos. As primeiras cabanas estavam a uns trinta passos de distância.

A tremenda quietude se rompeu bruscamente com um seco estampido. Um dos legionários girou sobre os calcanhares e tombou pesadamente com o peito atravessado por um balaço. Os demais soldados se dispersaram rapidamente, e alguém jogou uma granada.

— Não! — gritou Sagnier encolerizado.

A bomba explodiu a dez passos de uma das cabanas, provocando uma nuvem de fumaça negra.

Mais disparos soaram e um outro legionário caiu, gemendo freneticamente.

Sagnier então avançou com a metralhadora apontada. Disparou para diversos pontos. De repente, de uma das choças, saiu um homem. Olhou o jovem por um segundo e tombou para o chão.

Um outro soldado mandou novamente uma granada, acertando o interior de uma cabana. Gritos de dor soaram depois da terrível explosão. Enquanto isso, o tenente Sagnier continuava a avançar até uma casa, e mudando a metralhadora de mão, apanhou uma granada, arrancou o anel com os dentes e jogou-a no interior, atirando-se, em seguida, no chão.

A detonação foi forte. Nem bem terminara, Sagnier levantou e foi até a porta.

Vários corpos se achavam estendidos no chão. Um vietnamita fez um esforço desesperado para pôr-se em pé e apontar o fuzil. Sagnier não lhe deu tempo, atirou logo e o homem caiu de costas.

O tiroteio continuava. Os legionários avançavam e em cada choça atiravam uma granada. Nesse ínterim, um jorro de projéteis levantou, repentinamente, uma nuvem de poeira quase junto aos pés de Sagnier.

Sagnier pulou para o lado, e ao mesmo tempo em que se ajoelhava, procurava abrigo por detrás de uma árvore. Escondido, ousou espiar.

O rebelde que fizera fogo estava em dificuldade com sua metralhadora. O tenente então apontou a sua, mas não teve tempo de atirar. Alguém, vindo por trás do vietnamita, cravara-lhe uma faca nas costas.

Do outro lado da aldeia vinha o som de vários disparos e de explosões de granadas, e um nativo, enlouquecido pelo pânico, passou correndo na frente do oficial.

Sagnier esticou o pé e passou-lhe uma rasteira. O vietnamita caiu ao solo com estrondo. Ainda aturdido pelo golpe, tentou levantar-se e escapar, no entanto, Sagnier, com vivacidade, socou-lhe a culatra da arma no estômago derrubando-o outra vez, mas agora, desfalecido.

O tiroteio diminuirá bastante de intensidade, quando, de repente, de uma das choças em chamas saíram dois homens com as mãos para o alto.

— Cabo Milfz, tome conta desses dois — ordenou Sagnier. — Há também um outro, desmaiado. Vigie-os bem.

— Sim, tenente.

O sargento Leducq aparecia agora, seguido de todos os seus homens.

— Sem novidade, tenente — informou.

— Nós temos um morto e um ferido. Mande o cabo Briason averiguar isso direito. Precisamos revistar a aldeia.

— Sim, senhor! — Leducq transmitiu a ordem e voltou para o lado do oficial, justamente quando um grito soava.

— Aqui, tenente!

Sagnier e Leducq correram ao lugar de onde vinha o berro, e depararam com um legionário à porta de uma cabana maior que as outras. Entraram e lá dentro Leducq lançou um assovio:

— Puxa! Um arsenal! — exclamou ao ver montes de caixas de fuzis e outras com munições de toda espécie.

— Uma verdadeira fábrica — retrucou pensativo. — E isso explica o fato do povoado encontrar-se vazio. Os indígenas foram obrigados a sair.

O cabo Briason entrava naquele momento.

— Um morto, Vankaert; e dois feridos, López e Delay. Delay pode caminhar.

— Está bem, Briason — falou o tenente.

— Encontramos também os seis cadáveres dos vietnamitas, e temos quatro prisioneiros. Muito possivelmente havia mais gente, todavia, conseguiram escapar.

— Ê. Chame o rádio.

— Sim, tenente!

Briason afastou-se para chamar o companheiro e nesse instante um legionário entrou, participando a notícia de outra cabana cheia de munições.

— Leducq! — mandou o oficial depois de ouvir a nova.— Termine a revista na aldeia e volte para informar.

— Sim, tenente.

Chegou o radiotécnico e quando conseguiu contato, Sagnier chamou o comandante.

— Annete a Linda!

— Linda a Annete! Adiante!

— Tivemos uma ligeira refrega com os guerrilheiros, matamos seis e fizemos quatro prisioneiros. De nossa parte, perdemos um homem e há dois feridos.

— Está bem — respondeu o comandante. — Enviarei um helicóptero para recolhê-los. O que encontraram na aldeia?

— Duas cabanas abarrotadas de armas e munições, comandante.

— Provavelmente um centro de armamento dos guerrilheiros. Apanhe um exemplar de cada arma, bem assim como um pacote de cartuchos e destrua o resto, Não se esqueça de incendiar também as choças.

— Sim, comandante!

— Quando terminarem, dirijam-se para o sudoeste. A doze quilômetros encontrarão um caminhão que os trará ao quartel-general. É tudo.

— É tudo! — afirmou também Sagnier, devolvendo o fone para o legionário.

Acendeu um cigarro, e pensativo, contemplou seus homens trabalhando. Daqui a pouco chegaria o sargento Leducq.

— Não havia mais pessoas nas cabanas, nem tampouco mais armas, tenente — avisou.

— Obrigado, Leducq — ofereceu-lhe um cigarro. — Uma miséria essa guerra, hein?

— Sim, senhor. Nojenta!

— Não se sabe nunca quando se vai encontrar um desses asiáticos. São como serpentes, escondendo-se no chão, e quando menos se espera eles aparecem.

Leducq soltou a fumaça.

— É, mas desta vez nós os surpreendemos.

— Possivelmente não nos esperavam, ou não acreditavam na nossa valentia, porque do contrário teríamos sérios aborrecimentos.

— Pelo menos essa região ficará tranquila durante algum tempo...

— Oxalá! — exclamou sem entusiasmo. E com um sorriso amarelo, atirou o cigarro no chão, continuando: — Somos uma equipe de legionários muito diferente da contada nas lendas. Quepes e protetores de sol brancos, paletó azul, calças claras, botas negras, mochila quadrada, as baionetas triangulares... hein, Leducq?

O sargento sorriu também.

— Não estamos no Saara, tenente, é preciso adaptar a farda às circunstâncias.

— E o homem também, Leducq?

O sargento vacilou antes de responder, e quando o fez foi em voz insegura:

— Eu creio que sim, tenente!

CAPÍTULO III

A aldeia, onde o regimento tinha seu quartel-general, era grande, quase uma cidade. Algumas construções de alvenaria

somente, o restante eram a base de materiais mais ligeiros: Madeiras, bambu, fibras vegetais...

Uma das casas de alvenaria era a taberna preferida pelos legionários: "Le Coq Jaune," e diziam na cidade que o galo ficara amarelo (Le Coq Jaune: O Galo Amarelo), não em consequência do forte sol asiático, mas de tanto beber as infernais bebidas preparadas pelo proprietário do bar. Pierrot Duquesne, mestiço franco-chinês, o dono, protestava irritado toda vez que ouvia a piada e mais de um legionário fora expulso do "Le Coq Jaune" por vilipendiar as bebidas feitas especialmente por ele. Mesmo assim o estabelecimento gozava de grande prestígio entre os membros da Legião Estrangeira, servindo na Indochina.

E ainda mais que Duquesne aumentara a atração do lugar, contratando uma bonita pequena para servir os fregueses. A moça, de uns vinte e tantos anos, tinha os cabelos compridos, castanhos, e os olhos verdes. Seu nome era Nadine, alegre, sempre de bom humor e pronta para mostrar sua bem feita dentadura. E não era só o rosto bonito, o corpo também. Pescoço comprido, claro, braços roliços, ainda os ressaltava usando blusa vermelha decotada. Cinturinha fina os quadris bem marcados, e pernas longas e redondas. Nadine nunca tinha um "não" definitivo para os legionários, todavia, seus "sim" tampouco eram definitivos. Ninguém a vira chegar à aldeia e ninguém a vira antes. Simplesmente, numa noite, surgira por detrás do balcão, como se por obra de um passe de mágica.

O tenente Sagnier entrou, naquela noite, no "Le Coq Jaune". Deteve-se durante alguns minutos na entrada, observando o interior. Logo um garçom nativo aproximou-se, fazendo uma reverência.

— Se o senhor oficial dignar-se seguir-me... Há alguns companheiros seus num reservado.

— Obrigado, Heeng — respondeu o tenente. Hoje, vestia uniforme caqui, camisa de mangas curtas e calças também curtas. Na cintura, um cinturão preto e o coldre.

— Vamos, entre logo, homem — convidou o Subtenente Marquand. — Tome um copo conosco.

— Como se saiu em sua operação, tenente? — perguntou o capitão Danielly, um corso miúdo, de cabelos pretos e olhos vivos.

O tenente Lyon apanhou uma garrafa sobre a mesa, e encheu um copo.

— Sente, Fred — convidou.

— Obrigado — respondeu o jovem. — Tivemos um morto e dois feridos, capitão, no entanto, arrasamos uma aldeia e destruímos um importante depósito de munições.

O capitão Danielly sorveu um gole de seu copo, inteiramente desatento ao que fazia.

— Tem graça; nos tempos da Resistência, bastava-me uma meia dúzia de franceses para manter todo um batalhão de alemães à distância. Quem diria, que, cinco anos depois, iria me encontrar na mesma situação, só que na posição contrária?

— Vamos, vamos, capitão — apaziguou Marquand. — A coisa não é tão importante como parece. Dentro de uns meses, liquidaremos esse pessoal todo, e...

O tenente Lyon observando pensativo o fundo do copo, atalhou:

— Fred, há uma coisa que invejo em você.

— Sim? — retrucou o jovem oficial enquanto acendia um cigarro.

— Sim. O sargento Leducq. Se se pudesse comprar os sargentos, eu daria por ele, agora mesmo, o meu saldo de um ano inteiro...

Marquand soltou uma risadinha.

— Eu lhe vendo o sargento Perrifond por um selo postal usado e ainda dou de quebra dois cartuchos vazios. É tudo quanto ele vale.

Lyon fingiu não ouvir a brincadeira.

— Um bom sargento vale o seu peso em ouro — disse. — Praticamente é o braço direito do oficial e...

O burburinho do bar cessou repentinamente. Soou uma voz de mulher, doce, lânguida, insinuante.

— Quem é? — perguntou Sagnier.

Marquand levantou e puxando as cortinas do reservado para o lado espiou. No palco diminuto, uma mulher cantava, acompanhada de um pianista nativo.

Atraído pela voz, o tenente Sagnier também levantou, o copo numa das mãos, o cigarro na outra. Os legionários contemplavam e escutavam a moça num silêncio embevecido, quase religioso.

Era alta, esbelta, os cabelos escuros caindo sobre os ombros alvos, contrastando maravilhosamente com os olhos ligeiramente oblíquos e a leve saliência das maçãs do rosto. Cantava suavemente, num tom bastante natural. Repentinamente desceu do pequeno estrado e passou a cantar ao longo das mesas, sempre sorrindo.

Chegou à entrada do reservado e olhou fixo para Sagnier. Ele sentiu a atração daquelas pupilas, aparentemente, sem fundo, e quando a moça, acompanhando a canção, levantou um dos braços, Sagnier, num gesto impulsivo, segurou-lhe a mão, e levou-as aos lábios.

A pequena não se afastou, pelo contrário, pareceu gostar da carícia. Voltou a sorrir, e com delicadeza, soltando a mão, continuou seu caminho. Pouco mais adiante, junto à mesa, onde se encontrava o sargento Leducq, parou e terminou a canção.

Quebrando o silêncio, repentinamente o público estourou numa salva de palmas.

A cantora agradecia os aplausos com graciosas inclinações de cabeça, sorrindo para todo mundo. Em seguida, com passo lento, retirou-se.

— Puxa! — disse Marquand, dando uma palmada no ombro do amigo. — Tive a impressão exata de que você iria derreter-se como sorvete, de um momento para outro.

— Como se arranjou para conquistá-la, Fred? — perguntou Lyon, rindo. — Selene já está aqui há umas duas semanas e até agora...

— Tanto tempo assim? — indagou o jovem surpreso. — É a primeira vez que a vejo.

— Você também nunca aparece por essas bandas...

— É... — atalhou Lyon. — Mas Nadine está perdidinha por ele. Olhe-a, Marquand, olhe!

A copeira perdera seu sorriso habitual e dirigia olhares furiosos para o reservado, com as faces em fogo.

Marquand empurrou o amigo.

— Fred, precisa apresentar suas desculpas à Nadine. Do contrário ela misturará cianureto de potássio à nossa bebida. Tenho o estômago muito delicado, não suportaria, sabe?

— Ela se chama Selene? — perguntou Sagnier distraído.

— Sim, sim, mas ande depressa, já vejo o cianureto no meu copo. Vá falar com Nadine, não quero uma operação de estômago tão cedo...

Irritado, de má vontade, Sagnier foi até o balcão, sentando-se num dos bancos.

Nadine dirigiu-lhe um olhar aborrecido e terminou de servir uns legionários. Logo se aproximou com uma garrafa e um copo na mão.

— Muito bonito — falou zangadíssima. — Ausenta-se uma porção de dias, demora dois ou três em vir ao "Le coq" depois de sua chegada... e a primeira coisa que faz é beijar a mão "desse bacalhau de porta de venda"! Quem pensa que eu sou?

— Nadine, eu... Estive ocupado, creia-me.

— As vinte e quatro horas do dia? Vá contar isso a sua vovozinha! A mim não me engana, entendeu?

— Mas, Nadine, eu... Será ciúmes? é possível? Sabe que eu gosto muito de você e...

— Sim, conheço os militares — tornou ela, mais irritada ainda. — Muito mel, muitas palavrinhas bonitas até conseguir alguma coisa, e depois... até loguinho, já vou... Mas comigo não acontecerá. Eu...

— Nadine! Os fregueses esperando! — trovejou a voz do proprietário.

— Encontre-se comigo, amanhã no lugar de costume — murmurou a pequena.

Sagnier contemplou-a alguns minutos, admirando-lhe a presteza em servir, ao mesmo tempo que ria e conversava animadamente com os legionários. Aparentemente toda sua ira fora por água abaixo.

Segurou o copo com ar preocupado. Nadine era uma garota estranha. Seu tom de voz, suas palavras correspondiam a uma pessoa de educação superior, no entanto, esforçava-se por ocultar essa faceta, debaixo de uma capa de empregadinha alegre, disposta a rir de qualquer dito, por mais forte que fosse. Quais seriam os motivos para uma mulher assim vir parar numa espelunca numa pequena aldeia da Indochina, às margens do Rio Vermelho? Em todo caso, não era da sua conta, e além disso, talvez Nadine tivesse razões. Gostava dela, mas seu amor seria tão forte a ponto de cometer uma loucura por ela? Ou não?

Selene apareceu novamente no estrado. Vestia agora uma roupa verde. Sagnier girou nos calcanhares, e apoiando os cotovelos no balcão, dispôs-se a escutá-la. E a contemplá-la.

* * *

— Tenente, apresento-lhe o sargento Altpert — falou o comandante Barran, aproximando-se.

Sagnier apertou a mão do homem. Um homem magro, loiro, de olhos azuis, estatura mediana, e tremendamente forte.

— Prazer em conhecê-lo, tenente — cumprimentou o sargento.

— O prazer é meu, sargento

— O sargento Altpert entrará para sua companhia, Sagnier — falou o comandante.

— Sua folha de serviços indica-lhe capacidade e várias ações meritórias na guerra. Será de imensa ajuda para você, tenente, garanto.

— A satisfação em tê-lo na minha companhia é enorme — atalhou o jovem. — Espero grandes frutos de nossa colaboração — terminou, dirigindo-se ao suboficial.

— O senhor é muito amável, tenente — disse Altpert com voz grossa, rouca, estranha. — O comandante exagerou minhas qualidades. — No entanto, espero que o senhor me distinga com suas ordens.

— Assim será — cortou o comandante Barran. — Amanhã mesmo sairão os dois, com uma pequena força para realizar uma exploração em torno da aldeia... Vejam o mapa...

CAPÍTULO IV

O sargento Leducq examinava os documentos no pequeno escritório da companhia, quando soaram umas batidas na porta.

— Entre!

O cabo Briason assomou a cabeça.

— Sargento! — anunciou. — Um novo legionário para a Companhia: Karl Kraniss.

— Está bem. Mande entrar — respondeu Leducq indiferente, continuando no exame dos papéis, sem levantar a cabeça sequer. Ouvia o som dos passos do recém-chegado e captou vagamente o movimento de sua mão direita, batendo continência.

— Descanse — falou sem fitá-lo.

— Sim, sargento.

A voz estalou aos ouvidos de Leducq como o estrondo de uma bomba. Levantou a cabeça e instintivamente ia levantar-se mas, reagindo, sentou-se novamente, mordendo os lábios de arrependimento. Ainda não se esquecera de seu hábito, mesmo depois de tantos anos.

O recém-chegado sorria.

— Como vai meu antigo subordinado na SS, o tenente...?

— Por favor — pediu Leducq, pálido como um defunto. — Não pronuncie nomes aqui, meu Coronel... legionário Kraniss — resmungou temeroso e zangado ao mesmo tempo.

O homem rompeu num riso convulso. Relativamente jovem, trinta e cinco a quarenta anos, cabelos loiros e olhos muitos azuis, traços bem pronunciados e lábios finos, continuamente curvados numa expressão sardônica.

— E, sargento Leducq? Não tem nada a me dizer? — perguntou.

Leducq levantou-se e começou a medir o pequeno escritório com largas passadas.

— Como diabos apareceu aqui? Por que se lembrou de alistar-se na Legião? — indagou finalmente.

— Meu querido sargento, pela simples razão de que há aqui milhares de homens na mesma situação que nós. E eu seria uma exceção?

— Os alemães iguais a nós, são uma minoria, e o senhor sabe disto muito bem, legionário Kraniss. A imensa maioria é constituída de pessoas decentes que só entraram para a Legião por motivos financeiros — seus olhos brilharam. — E a prova é que antes se indaga sobre o passado político do futuro legionário.

— E se se pertenceu a SS vai-se preso e submetido a julgamento, não é? Todavia, existem muitos que conseguiram burlar essa vigilância, gente como eu, como você, sargento...

— De todos os Regimentos da Legião Estrangeira, de todas as Companhias, você, justamente, você, cairia logo na minha!

— Considera isso azar, sargento? — perguntou Kraniss numa risada debochada.

— Sim! — atalhou Leducq sem hesitar.

— Não se pode evitar o inevitável. E agora, quando nos encontramos após cinco anos de separação, o que pensa fazer comigo?

— Essa indagação pertence a mim, não? Acabemos com isso de uma vez, Kraniss. Agora você é um legionário, convém não se esquecer — e os olhos de Leducq brilharam. — Não é mais o coronel da SS. Não lhe seria de utilidade ressuscitar o passado.

— Não existem provas... meu sargento — Kraniss continuava sorrindo. — Em troca, todo mundo, na França, conhece a

história da mulher violentada e morta por um..

— Não! — saltou Leduc. — Não é verdade. Admito, as aparências são contra mim, todavia não fui o culpado, juro!

— E quem acreditaria? E ainda há a circunstância da morte do jovem francês, testemunha do caso.

O rosto do sargento tornara-se sombrio,

— Quanto a isso é verdade. Eu o matei, mas em legítima defesa, ele nem queria me ouvir, eu não fizera nada. E o senhor não pode afirmar o mesmo, Kraniss.

— Deveras? Então, por que não me denuncia? Façamos um pacto, sargento: você não me denunciará, e nem eu falarei nada a seu respeito.

— Mesmo que me enforcassem, eu morreria com a consciência muito mais tranquila que a sua, Kraniss. Nunca assassinei ninguém, não combati na guerra, também.

— E que fazia na organização?

— O senhor sabe muito bem: permaneci, durante toda a guerra, num escritório, e salvo a morte da mulher, não intervi em nenhuma ação. De todas as formas, a você é melhor calar a boca, e — acrescentou com dureza, — recordar-se sempre de nossa posição atual: você um legionário, eu, um sargento. Meta isso na cabeça e aja de acordo, entendido?

O sorriso irônico de Kraniss desapareceu dos seus lábios finos.

— Está bem — concordou. — Eu me portarei como se não o conhecesse, mas cuidado, não se porte com muita dureza comigo, sargento. Seus superiores poderiam receber, a qualquer hora, uma denúncia anônima.

— Se tal acontecer, iremos juntos para a cadeia — retrucou Leducq contundente. — E agora, saia e apresente-se ao cabo González, a cuja companhia pertencerá. Ah, e esqueça-se da sua antiga graduação de coronel... agora é um simples legionário.

— Sim.

— Sim, não. Sim, meu sargento,

Os dentes de Kraniss apertaram-se uns contra os outros no momento, de tanta raiva.

— Sim, meu sargento.

— Agora, cumprimente segundo a regra.

E Kraniss bateu continência, tremendo de cólera. Saiu então do gabinete, pensando na melhor vingança a fazer, todavia, por mais tratos a bola que desse, não encontrou nenhuma saída.

Quanto ao sargento, ao ficar a sós, sentou-se na poltrona, com os cotovelos na mesa, segurando a cabeça. Ao cabo de cinco anos, quando já imaginava o passado esquecido, ele surgia novamente, como um fantasma acusador, implacável.

* * *

Os aplausos estouraram ao final da canção de Selene. A cantora agradeceu e lançando beijos para o público, nas pontas dos dedos, retirou-se para o camarim.

Sagnier, ainda ficou alguns minutos no "Le Coq Jaune". Viera muita gente, hoje, e ele nem tivera tempo de conversar direito com Nadine. Não que se incomodasse, nunca gostara de mulheres ciumentas, e Nadine o era, e muito até. Além disso, sua paixão pela pequena não era das maiores. Nadine era uma pequena bonita, agradável, sentira-se atraído por ela, mas não a ponto de amá-la. Quem sabe seria Selene a culpada? De fato, nunca nem conversara com a cantora, somente na primeira noite beijara-lhe a mão e nunca mais acontecera isso. Mas Selene o atraía, talvez por ela, seu amor por Nadine diminuía.

Sacudiu a cabeça, atirou o cigarro fora e consertou o quepe. Precisava ir embora, descansar; o comandante Barran pedira-lhe que comparecesse ao seu escritório logo de manhãzinha, e a julgar pela seriedade com que falara, tratava-se de alguma coisa grave.

Saiu do bar para a rua, a brisa vinda da floresta acariciou-lhe o rosto. Caminhava lentamente, desfrutando da beleza da noite.

Dois legionários passaram ao seu lado, cantando uma velha canção. Mais adiante, um outro, com uma pequena muito pintada ao lado. Numa esquina, mais cinco, ouvindo, num silêncio religioso, um companheiro solfejando "La Violetera". Pouco depois, um grupo de belgas entoando, em coro, uma melodia popular. Continuou a caminhar e encontrou um subalterno cantando, a plenos pulmões, "Lili Marlene". Assim era a Legião Estrangeira; uma confusa mistura de caracteres e nacionalidades, no entanto, todos unidos por um denominador comum: a aventura, a luta, e na maioria dos casos, o afã de esquecer o passado.

De repente, viu uma figura feminina diante de si, e seu coração bateu mais depressa.

Selene caminhava à sua frente com passo vivo. Sagnier franziu o cenho. Onde iria a artista a tal hora? Era perigoso, andar sozinha, por aquelas ruas escuras. Seria muito fácil topar com um ladrão, iludido pelo brilho falso de seu colar de vidro, imitando brilhante. E o assalto, se acontecesse, não seria precedido de nenhum aviso: um lenço na garganta, um puxão no colar, e o corpo sem sentidos de uma mulher no chão.

Movido por uma curiosidade instintiva, caminhou logo atrás, procurando não fazer barulho. Bruscamente, após uns cem metros caminhados, a moça parou ao mesmo tempo que uma silhueta de homem se destacava, vinda das sombras. Sagnier abrigou-se no vão de uma porta, a pistola engatilhada par qualquer eventualidade.

Selene e o homem trocaram algumas palavras em tom baixo e rapidamente.

Sagnier distinguiu, embora não pudesse afirmar com certeza, um uniforme de legionário. Não obstante, observou a voz cantante do homem, enquanto Selene limitava-se a mover a cabeça em sinal de assentimento.

Histórias de espionagem vieram à mente do oficial. Selene seria um agente secreto a serviço dos vietnamitas?

Pouco depois os dois se separaram. O homem desapareceu ligeiro na escuridão de uma viela próxima e Selene continuou em frente, já sem pressa, todavia.

Sagnier hesitou em segui-la, mas sua vacilação durou pouco. No entanto, quando começou a andar, viu, talvez um outro homem, ou o mesmo, correr até a cantora, com o braço erguido.

O brilho de uma luz próxima refletiu-se na lâmina afiada de um punhal.

CAPÍTULO V

Os pés do assassino batiam levemente sobre a terra da rua. Selene voltou-se ao ouvir o ruído, e retrocedeu, o espanto pintado em suas feições. Mais um segundo e a faca lhe atingiria.

Sagnier percebeu, não teria tempo de salvá-la. Somente poderia fazer uma única coisa. E gritou:

— Ei!

Sua voz assustou realmente o sujeito, fazendo-o diminuir a carreira e obrigá-lo a virar-se instintivamente. Sagnier ganhou um precioso segundo.

No entanto o assassino não abandonou seu desígnio. Levantou novamente a faca e lançou-se sobre Selene, petrificada pelo medo.

A pistola do oficial, então, disparou. A bala acertou em cheio o assassino, lançando-o para o chão, depois de dar duas voltas sobre si mesmo. Todavia não morrera, e disposto a rematar sua obra, levantou-se. Selene percebeu a arma do tenente preparada para atirar novamente.

— Não, não! — gritou.

Já era tarde. O segundo projétil atravessara o crânio do bandido.

O sujeito ainda ficou de pé, durante alguns segundos, lançando-se para um lado e outro, mas em seguida, dobrou os joelhos e caiu. Seus movimentos tornaram-se, pouco a pouco, mais débeis, até cessarem por completo.

Sagnier correu até a cantora.

— Está bem, senhorita? — perguntou aflito.

— Sim — respondeu olhando-o perspicaz. — Mas, como...?

Os passos rápidos de um grupo de homens, aproximando-se, cortaram sua pergunta pelo meio. Uma patrulha apareceu, vinda da esquina mais próxima.

— Alto! — ordenou o comandante dos homens.

— Sou o tenente Sagnier, quarta companhia, segundo batalhão, segundo regimento — falou o jovem.

O chefe da patrulha saudou-o rigidamente.

— Às suas ordens, meu tenente! Sargento Lienar, em missão noturna. Pode informar-me de tudo?

Sagnier apontou o cadáver.

— Tentou atacar a senhorita Selene com uma faca, seguramente para roubá-la. Tive de disparar para defendê-la.

Um dos legionários, iluminando o corpo com uma lanterna, exclamou:

— Boa pontaria, meu tenente!

— Faça o favor de informar o oficial de guarda, do fato, sargento Lienar — falou Sagnier. — Mais tarde irei até lá, pessoalmente, agora, acompanharei a senhorita até sua casa.

O sargento Lienar sorriu compreensivamente e murmurou:

— Sim, tenente.

Sagnier tomou o braço da jovem, chamando-a:

— Vamos, senhorita?

Selene não retrucou e caminharam calados, durante algum tempo, até que ela, de repente, atalhou:

— Sua aparição foi realmente muito oportuna, tenente. Obrigada.

— Esqueça-se, eu lhe peço — sorriu. — Vi o assassino lançar-se contra a senhorita — e acrescentou: — É muito perigoso para uma moça, andar sozinha a altas horas da noite. Especialmente quando esta moça é jovem e bonita.

— Obrigada, tenente, mas não acredito que o sujeito tenha atentado para esses detalhes.

— Talvez procurasse alguma coisa... — retrucou Sagnier em tom significativo.

— Um relógio barato e alguns francos... — respondeu com naturalidade.

— Para ele, talvez uma fortuna, senhorita Selene... Chamo-a assim, porque não sei nada. E perdoe... meu nome é Sagnier, Frédéric Sagnier, mais conhecido por Fred.

— Chame-me Selene — sorriu. — Fred é um nome bonito.

— Obrigado. O seu também, embora talvez seja um pseudônimo artístico. Selene! — suspirou. — O antigo nome da lua. A senhorita é como ela, longínqua, misteriosa, bela...

Selene riu.

— O senhor é um poeta...

— As armas nunca foram inimigos das Letras, senhorita.

Ela tornou a rir.

— O senhor tem saída para tudo! — repentinamente exclamou: — Ah, chegamos à minha casa.

A moça parou diante de uma fachada de melhor aparência que a comum das residências da aluguel. Vacilou um pouco, mas convidou:

— Quer tomar alguma coisa, tenente?

— Claro! E agradeço muito, Selene.

— É o mínimo que posso fazer por meu salvador.

Selene tirou uma chave da bolsa e abriu a porta da casa. Acendeu logo a luz, mostrando um ambiente sobriamente decorado. Uma escada à direita, levava ao segundo andar, e ela, acompanhada do jovem, começou a subi-la.

Entraram depois numa saleta, cuidadosamente mobiliada, e tirando o chale, apontou para o aparador pedindo:

— Prepare dois drinques, Fred. Volto em seguida.

E com um leve ruído dos saltos do sapato, saiu da sala. Sagnier, sozinho tirou o quepe e as luvas, jogando-os sobre uma cadeira, e acercou-se do bar para preparar as bebidas.

Lançou uma rápida olhada ao redor. Selene levava a bolsa consigo. Pena, pensou; seria interessante conhecer seu conteúdo. Aquele homem... que teriam conversado?

Sagnier sentia-se tremendamente intrigado com o encontro.

Evidentemente o homem a esperara no lugar e hora previamente combinados, a fim de palestrarem... Sobre o quê? Levantou as sobrancelhas, conhecia muito bem a aldeia e sabia, Selene poderia voltar para sua casa por outro caminho, e em muito menos tempo.

E o homem que tentara assassiná-la? Teria esse fim, somente com o objetivo de roubar-lhe alguns enfeites sem nenhum valor? Ou teria outro motivo para matá-la?

A volta da pequena interrompeu seus pensamentos. O oficial precisou de todo seu domínio para não lançar um grito de admiração. A jovem vestira um "negligé" preto, sem mangas e com um profundo decote nas costas, chegando-lhe até a cintura, e mostrando sua pele branca. Usava também sapatos de saltos muito altos, completando a suntuosa vestimenta, e sua beleza agora, parecia duplicada.

Selene veio até ele e tomou-lhe o copo das mãos.

— Desperte, Fred — sorriu. — Sou de carne e osso, e não um pesadelo.

— Felizmente — disse sorrindo também. — Se eu fosse um poeta, como você disse há pouco, ao invés de inspirar-me, faria esquecer-me até da forma de se compor um verso.

— Suas palavras demonstram o contrário, Fred! — falou a moça erguendo seu copo. — Por meu salvador!

— Pela mulher mais formosa do mundo!

Sorveram uns goles do licor, depois Selene caminhou até um divã próximo, sentando-se com as pernas encolhidas.

— Venha para o meu lado, Fred.

— Como não.

Havia uma cigareira laqueada em cima do sofá. Selene esticou um braço, apanhando um cigarro, e pondo em evidência suas unhas cor de sangue. Sagnier imediatamente apanhou seu isqueiro e acendeu-lhe o cigarro.

Selene tirou a primeira tragada, e expulsando o fumo, falou, cara a cara:

— Diga-me, Fred, não acha sua profissão muito arriscada?

— Não é, até certo ponto, mais arriscada que as outras — respondeu com um leve encolher de ombros. — Em todo caso é minha profissão, eu a escolhi, não devo queixar-me.

— A Indochina está em guerra — murmurou a moça pensativa. — Muitos soldados, de um lado e de outro, morrem todos os dias.

— Não está em minhas mãos evitar. Somente sou um tenente, Selene.

— Não sente medo dos rebeldes — continuou Selene — quando caminha pela selva?

— Espera receber um "não"? — sorriu. — Vou lhe contar, Selene. Tenho muito mais medo de outras coisas.

— Por exemplo?

— De você, Selene.

A moça piscou os olhos sem jeito, mas continuou insistente:

— De verdade? Tem mesmo medo de mim?

— Muito, muitíssimo, Selene — respondeu o oficial, inclinando-se atrevidamente para ela.

— Sabe? O sentimento é mútuo, Fred. Você também me inspira receios.

— Deveras? Quanto me alegro, Selene.

— Como? Se alegra por nós dois termos terror um do outro?

— Sim, dessa forma, podemos combater nosso receio juntos.

— De que forma, Fred? — a voz de Selene, era doce, acariciante.

— Podíamos começar da seguinte maneira — e o braço do oficial rodeou os ombros da artista. — Já sente menos medo?

Ela deu-lhe um rápido olhar estranho. Seus lábios se entreabriram e sua respiração era ofegante.

Sagnier aumentou a pressão do braço até senti-la bem perto. A moça então tombou a cabeça para trás.

— Fred... — murmurou. — Estou apavorada... um horror...

— Eu também... Lutemos... para combatê-lo, Selene.

— Sim — falou a moça baixinho. De repente lançou seus braços em torno do pescoço do homem e continuou mais baixinho ainda: — Combateremos nosso pânico... nós dois juntos...

CAPÍTULO VI

O rosto do comandante Barran parecia sombrio.

— É a terceira patrulha desmembrada no transcurso de mais ou menos duas semanas, disse contendo seu desejo de esmurrar a mesa. — E essa última sofreu bastante. De sessenta homens, somente regressaram uma dezena. Oitenta por cento, ou morreram ou tornaram-se prisioneiros.

— É como se eles adivinhassem nossos movimentos, comandante — atalhou o capitão Letourneur.

— Mas é isso exatamente o que acontece. Alguém informa os inimigos dos movimentos de nossas patrulhas, e naturalmente os vietnamitas as esperam no lugar adequado, e com todas as vantagens do seu lado.

— E não se tem nenhuma ideia desse informador? — perguntou o tenente Rodez.

Sagnier, em silêncio, assistia a reunião, e às palavras do comandante, pensou imediatamente em Selene.

Lembrou-se da ternura de seus lábios, de sua pele macia, da calidez de suas mãos... e também do indivíduo com quem ela se encontrara, das feições orientais da moça, embora muito vagas. Seria Selene a espiã?

Os fracassos das patrulhas aconteceram justamente de há duas semanas para cá...

Exatamente o mesmo tempo que ela atuava no "Le Coq jaune". E os legionários, meio alcoolizados diziam tantas coisas demais...

— O Serviço de Informação — continuou o comandante Barran, — tem algumas pistas sobre o agente inimigo, mas faltam-lhe ainda provas. Eu tive uma ideia que talvez dê resultado, mas, para isso, é necessário que uma outra patrulha saia para explorar as imediações — olhou para os oficiais sentados em círculo ao seu redor. — Não obstante, dado a índole da missão, sinto-me sem ânimo suficiente para ordenar, eu mesmo, quais serão seus componentes. É necessário que os homens, a saírem nessa companhia, sejam voluntários, conscientes do perigo a se exporem. Cavalheiros? — terminou com um acento significativo.

Sagnier, sem pensar duas vezes, ergueu sua mão resolutamente.

— Eu irei, meu comandante.

Barran dirigiu-lhe um olhar perscrutador:

— A missão é inteiramente voluntária, tenente.

— Mesmo assim, comandante. Apesar disso, insisto em ir pessoalmente.

Barran estudou os papéis à sua frente, durante alguns momentos.

— Muito bem — concordou afinal. — Partirá com trinta homens, depois de amanhã, ao amanhecer.

— Depois de amanhã ao amanhecer? — perguntou o jovem estranhando.

— Sim — Barran sorriu maquiavelmente. — Necessito desses dias, quer dizer, hoje e amanhã, para que seus homens propalem, aos quatro ventos, a missão a executar.

É preciso que o inimigo saiba da saída da patrulha. Compreende agora os riscos, tenente?

— Claro, é verdade! — Sagnier também tinha seus planos a respeito e concordava inteiramente com o comandante. — Mas, — objetou, suponho que haverá vigias em todo o caminho a percorrer.

— Evidente! — afirmou Barran. — Criticamos muito o "Deuxième Bureau" (Serviço francês de Informação), no entanto seus agentes não são tão idiotas assim, Sagnier.

— Oh, sim, é verdade!

— Bem, cavalheiros — continuou o comandante — como já temos o chefe para a patrulha, podem retirar-se. Sagnier e eu ficaremos combinando os planos de ação.

Os oficiais se levantaram, cumprimentaram, e saíram da sala. Ao ficarem sós, Barran também pôs-se de pé, e aproximando-se de um grande mapa, pendurado a parede, falou:

— Venha cá, Sagnier.

Durante um bom tempo os dois homens falaram a cerca da missão a desempenhar. Barran fez diversas perguntas, aclarando determinados aspectos, ficando bastante satisfeito com as respostas.

Meia hora depois terminaram, e então o comandante falou:

— Ah, Sagnier, quase me esquecia de uma coisa!

— Sim?

Barran voltou à mesa, e procurando um papel, falou depois de achá-lo e consultá-lo:

— Segundo o "Deuxième Bureau", temos dois nazistas entre nós, dois sujeitos, antigos componentes das SS, acusados de crimes de guerra. Seus nomes são Hans von Eckardt e Frick Fuller.

— Tenho quase quarenta alemães em minha companhia, comandante...

— Entre eles, dois são nazistas, Sagnier. É terrível falar assim de uns homens que, provavelmente, mostram-se disciplinados e valentes, todavia, seus erros subsistem, não se pode esquecer.

— Sim, claro! — concordou o jovem. — Conhece as acusações?

— Sim. Um deles violentou e matou uma mulher, assassinando um homem em seguida, por que este tentara impedi-lo. O outro, um coronel, além de ordenar matanças coletivas, mantinha um cemitério particular — Barran estremeceu da cólera. — Praticava tiro ao alvo com seus prisioneiros, matando-os pouco a pouco.

— Quanta selvageria! Ah, se eu soubesse quem é, eu o estrangularia com minhas próprias mãos, meu comandante.

— Avise-me se o descobrir — atalhou Barran. — Eu o ajudarei.

— De acordo, comandante. Averiguarei, todavia acho muito difícil, são tantos os alemães na Legião...

— Sei disso. E antes do alistamento de cada um, foram feitas investigações cuidadosas. Mas apesar disso, alguns criminosos de guerra lograram infiltrar-se nas nossas fileiras. Peço, Sagnier, faça o que puder.

— Procurarei.

— E não se esqueça de uma coisa, a mais importante de todas: com nazistas ou sem nazistas, estamos em guerra e rodeados de espões. É necessário desbaratar essa rede. Talvez os senhores do "Quai D'Orsay" (Ministério francês de Assuntos Exteriores) opinem o contrário, mas somos nós que estamos em guerra e não eles. Eles se encontram bem sentadinhos em suas poltronas enquanto nós padecemos com o calor, mosquitos, chuvas, impaludismo, piolhos, disenteria. Não me oponho ao julgamento desses nazis, todavia, para mim, o mais importante é esse negócio de espionagem. Compreendeu, Sagnier?

— Sim, meu comandante — respondeu o oficial, sentindo o coração sangrar.

Pensava na bela Selene.

O Sargento Leducq despertou repentinamente, suando frio, com os olhos dilatados pelo pavor e a respiração convulsa. Acendeu a luz e Altpert, o novo sargento da Companhia, fitando-o de sua cama, falou:

— Está pálido, nervoso, companheiro, provavelmente comeu alguma coisa que lhe fez mal. Você até falava durante o sono...

Leducq passou o lenço pela cara e concordou, — Sim, tinha fome no jantar e comi demais. Deve ser isso.

Altpert ofereceu-lhe um cigarro.

— Tome, isso acalma os nervos! — Altpert acendeu um também para si e soltando a fumaça com movimentos calculados, continuou: — Devia amar muito essa Albertina, hein? Era sua noiva?

— Sim.

Leducq estendeu-se na cama e deixou o olhar vagar pelo teto. Albertina fora realmente sua noiva?

Estremeceu ao lembrar-se da cena terrível. Albertina sobre a mesa, as roupas rasgadas, o quarto desarrumado... Uma segunda boca, vermelha e sangrenta, se formava onde fora o pescoço, delicado e suave, de linhas de cisne, tão branco, antes que a faca fatídica consumisse sua obra destruidora.

Adivinhava-se claramente o fato acontecido. Alguém entrara, forçara a moça e depois, para não ser denunciado, degolara a pequena.

Leducq então, naquela época ainda com nome e uniforme alemães, ouvira passos na escada. No entanto, em lugar do culpado, aparecera um francês.

Transtornado, tirara a pistola. Um homem apareceu, trazendo nas mãos uma metralhadora. O espetáculo o horrorizou.

Detrás do homem havia outro. Mais alto, pôde olhar também. Os dois deduziram em um instante o que acontecera.

"Não acreditarão em você. Para eles você é nazista, um SS. Vão matá-lo, vão matá-lo... Dispare antes, dispare!..."

— Sim — suspirou. — Era minha noiva. Alguém a assassinou depois de abusar dela.

Altpert o fitou penalizado.

— Um assunto sujo, Leducq. Descobriram o fulano?

— Não, nunca se soube quem foi. — Terminou o cigarro e o lançou num canto.

— Então você veio para a Legião Estrangeira.

— A polícia me prendeu duas vezes para averiguações. Fiquei sem emprego e sabendo que depois de me ficharem não me

dariam mais sossego, decidi voar, e acabei aqui.

— Uma boa solução — falou o companheiro.

— E você? Bem, — e Leducq sorriu forçadamente — já sei, na Legião não se faz perguntas sobre o passado de ninguém.

Altpert fez um gesto vago.

— Como se não soubesse — falou sorrindo. — Alemão e derrotado, sem um centavo no bolso, morto de fome... Curioso — acrescentou logo depois.

— O quê? — indagou Leducq.

— Há cinco ou seis anos, você e eu, muito provavelmente, encontramos-nos nas trincheiras, um de um lado, outro de outro, e agora aqui estamos lutando ombro a ombro. Se eu me encontrar em perigo, você um francês, me salvará, e vice-versa, naturalmente.

— Estamos na Legião — falou Leducq sentenciosamente.

— Sim — concordou, e em tom brincalhão, cantou: "Soldats de la Legion, de la Legion Etrangère, n'ayant pas de la Patrie, France est votre mère." (Soldados da Legião Estrangeira, já que não têm Pátria, a França é vossa mãe.)

— Você leu P. C. Wren? "Beau Geste e Beau Sabreur?" Bah! Tudo mentira! Apague a luz já, Peter! — concluiu Leducq.

— Sim, apago, mas não volte a acordar-me com a sua Albertina. Está morta, e bem morta, não pode mais fazer nada por ela. Sinto, todavia é assim.

— Certamente — suspirou Leducq.

Albertina! Como fora capaz de pronunciar seu nome em voz alta? Um suor frio inundou-lhe o corpo. Falara demais? Claro, Altpert era tão alemão como ele, no entanto, nunca fora um nazi.

Se alguém soubesse, se Kraniss desse com a língua nos dentes... Ninguém acreditaria que não matara Albertina.

CAPÍTULO VII

A patrulha marchava pela selva, abrindo caminho com dificuldade. Sagnier, na vanguarda, parava de vez em quando para escutar algum ruído suspeito e examinar os menores acidentes do terreno.

Estacou agora, em meio a cipós, plantas trepadeiras, árvores se enroscando umas às outras, formando uma parede densa, inexpugnável. Charcos de água onde se afundavam os pés, mosquitos, calor insuportável... O suor corria-lhe em bicas pela cara e molhavam o lenço que trazia enrolado ao pescoço. Tirou outro lenço do bolso e limpando o rosto, desejou ardentemente um sopro de ar fresco, que arrastasse consigo todo o mau cheiro existente no local.

Pensou por uns momentos em Selene. Não contara nada do seu encontro com ela ao comandante Barran, claro, o comandante soubera do incidente, mas sobre a segunda parte, no apartamento da moça, não. Nem o fato do encontro e da troca de palavras entre ela e o desconhecido. Cometera uma imprudência?

Selene sabia que ele a vira palestrando com o homem. Ele arriscara algumas indiretas, e a pequena o olhara temerosa e lhe recomendara cuidado. Seria sincera ou simplesmente boa atriz? Breve saberia, pensou.

Acenou e deu ordem para reatarem a marcha. Os trinta pares de olhos dos homens que o seguiam também examinavam os menores detalhes da selva envolvente. Podiam passar a um metro de um vietnamita e não perceberem sua presença, tão hábeis eram eles em confundirem-se com a vegetação.

Caminharam mais uma hora, pouco mais ou menos. Sagnier dispunha-se a dar a ordem para descansar, quando percebeu que, a uns cinquenta metros, a selva se clareava.

Fez mesmo assim o sinal de alto, e em voz muito baixa chamou os dois sargentos da companhia. Leducq e Altpert, que acorreram pressurosamente.

— Parece-me que o momento está próximo. Quer dizer, um encontro com o inimigo, se é que estão à nossa espera.

Os dois sargentos concordaram com um aceno de cabeça.

— Venham comigo, exploraremos o terreno. Estamos muito perto do lugar mais adequado para uma emboscada, segundo os cálculos do comandante. Procurem não mover nem uma folha.

Voltou-se então para o cabo Miltz e cochichou:

— Voltaremos em seguida. Que ninguém se mexa. Nem fumar, nem falar, nem sequer tossir ou espirrar. Imobilidade absoluta, vigilância total.

— Sim, meu tenente.

— Vamos!

Os três homens começaram a andar com enorme cuidado, medindo muito o passo antes de firmar o pé. E com lentidão, agachados, os dedos nos gatilhos das armas, chegaram minutos depois à clareira. Procurando não fazer nenhum som, Sagnier se estendeu no chão, e os dois outros o imitaram. O oficial então apanhou o binóculo e examinou o terreno.

Diante deles uma clareira de uns duzentos metros de comprimento por uns cem de largura. No meio, atravessando toda a clareira, no sentido da largura, uma elevação no terreno, de uns trinta e cinco metros de altura, e em cima, de novo a floresta espessa.

— Poderíamos rodear a clareira e continuar nosso caminho ou pela esquerda ou pela direita, todavia, se eles nos esperam lá em cima da elevação, não teria sentido — murmurava Sagnier. — Com a primeira descarga eles fariam muitas baixas entre nós; não obstante, a selva, que tanto os favorece, nesse caso nos protegeria também, passado o primeiro momento.

— Supondo que eles estejam lá em cima... — atalhou Leducq.

— É quase certo. Uma patrulha, cansada de abrir caminho através de toda a floresta, aproveitaria essa clareira para caminhar com facilidade maior. E então, quando estivéssemos a meio caminho, suas metralhadoras acabariam conosco, num segundo.

Repentinamente uma cintilação surgiu no alto do pequeno morro.

— Há alguém lá em cima — sussurrou Sagnier. — Vi um objeto metálico.

Levou imediatamente o binóculo aos olhos, e procurando enxergar qualquer coisa, conseguiu distinguir um ponto mais escuro na vegetação.

— Sim — confirmou ao cabo de uns momentos de expectativa. — Estão lá em cima. Não sei quantos são, mas é de se acreditar que pelos menos tenham uma metralhadora.

Mordendo os lábios pensava ativamente, procurando uma solução para surpreender o inimigo. Era impossível atacar de frente; seriam exterminados antes de chegarem lá em cima. De repente teve uma ideia.

— Retirem-se um a um, arrastando-se pelo chão, até reunirem-se à companhia — mandou.

E ele próprio fez o mesmo quando os dois desapareceram. Chegou até os companheiros, levantou-se e explicou seu plano.

— Leducq, você, com dez homens, irá pelo sul, dando um grande rodeio com o fim de surpreender os vietnamitas pelo flanco correspondente. Altpert, você irá na direção contrária — consultou o relógio. — Dentro de trinta minutos, exatamente, sairei fora da selva com o resto da companhia.

— Mas, tenente — protestou Leducq, — correremos um risco enorme e o senhor muito mais ainda.

Sagnier sorriu.

— Não, vocês não correrão perigo e quanto a mim, ninguém fará o meu dever. Depressa. Daqui há trinta minutos, não se esqueçam.

Os dois sargentos desapareceram em questão de segundos, e então, Sagnier, seguido pelos dez soldados restantes, encaminhou-se para a clareira.

Os últimos metros percorreram-nos deitados no chão, e numa lentidão desesperadora. Arriscava a vida de todos os seus homens, portanto examinou tudo a seu redor com imenso cuidado. A pouca distância, três ou quatro metros da clareira, havia uma árvore gigantesca, cuja bifurcação começava a cinco metros do solo. Ao ver a árvore, Sagnier teve uma ideia.

— Hutjeens — chamou.

Hutjeens era um holandês enorme, de quase dois metros de altura, e com a força de um gigante, justamente pela sua força física fora-lhe entregue a metralhadora pesada da patrulha, mais pelo transporte em si do que pela pontaria, que todavia não era de desdenhar.

— Tenente? — sussurrou.

— Vê essa árvore? — indicou-lhe o lugar e o holandês acenou com a cabeça. — Poderia colocar a metralhadora na forquilha?

— Sim, senhor.

— Prévost pode ajudá-lo. Agora tome o binóculo e olhe para cima, na direção do meu dedo. Enxerga uma mancha mais escura que o resto da selva?

— Sim, meu tenente — falou Hutjeens após alguns segundos.

— Fixe bem o lugar. Você e Prévost ficarão na forquilha da árvore, e quando nos vir na metade da elevação, eu erguerei meu braço como sinal, abram fogo. Entendido?

— Sim, meu tenente!

— Então, vão logo. E procurem não fazer o mínimo ruído.

Hutjeens e Prévost se arrastaram até lá e quando chegaram, Sagnier consultou seu relógio. Faltavam oito ou nove minutos para o prazo fixado.

Sentiu-se, durante alguns segundos, tremendamente desanimado. Os planos estavam corretos, mas como acontece em tais casos, elaborados contando apenas com a atuação de uma das partes. Reagiria a outra da forma esperada? Não teriam os vietnamitas também os seus planos?

Inspirou com força, a pior coisa nesses momentos é a hesitação; a dúvida, a indecisão são sempre mais desastrosas que os mais ousados planos. E já que possuíam um plano melhor seguiu-o ao pé da letra e até o fim.

Bruscamente percebeu a hora, faltavam menos de sessenta segundos para a ação.

Levantou-se e deu ordem de marcharem.

Os legionários já tinham as instruções. Saíram em coluna atrás do chefe, caminhando com toda naturalidade, como se não suspeitassem duma emboscada, todavia, um pouco cuidadosos, fingindo receio, sentimento aliás normal numa patrulha de exploração. Abandonaram a proteção da floresta e chegaram a clareira formando duas filas ao lado do oficial. Manobra lógica também; seria a esperada para um pelotão atravessar o espaço vazio.

Sagnier sentiu o coração bater desenfreado. As folhas secas estalavam suavemente debaixo dos seus pés, e a elevação aproximava-se lentamente. Um passo, dois, três..., cinco..., dez..., quinze... vinte...

Consultou o relógio. Faltavam somente cinco segundos. Então moveu a mão esquerda.

— Protejam-se!

Os legionários correram para a elevação ao som dos disparos de metralhadoras vindas do alto. A do holandês, na forquilha da árvore também atirava.

Sagnier também correu sentindo as balas da metralhadora de Hutjeens silvando por cima de sua cabeça. O barulho era ensurdecador. Soavam disparos da direita e da esquerda; pequenas granadas explodiam sem interrupção, e os gritos dos inimigos se sucediam.

— Cuidado! — alguém gritou.

Vários vietnamitas, sentindo-se atacados por todos os lados perderam a cabeça e tentavam escapar pela encosta. No entanto Hutjeens, sempre atento, manejava eficazmente sua arma. Dois ou três guerrilheiros tombaram, rolando lentamente.

Nesse ínterim, os fuzis do pelotão de Sagnier trabalhavam sempre, abatendo o restante dos guerrilheiros. O oficial, por sua vez, levantou-se e alcançou de um salto a encosta, começando a escalá-la. Seus homens o seguiram, protegidos pela metralhadora do holandês.

Repentinamente um legionário caiu, o peito atravessado por um projétil, e para o sul, vinha o som de explosões contínuas de granadas de mão.

Um grito feroz e um corpo humano saltou pelos ares caindo aos pés do oficial.

Sagnier escapou e aproximou-se de onde o inimigo tinha a metralhadora.

Bruscamente à sua frente, um guerrilheiro apontou-lhe um fuzil, todavia um dos seus comandados atirou primeiro e o inimigo tombou, ferido mortalmente.

Em mais duas passadas Sagnier então alcançou a metralhadora, rodeada de vários corpos. Hutjeens fizera um bom trabalho.

Nesse instante percebeu algo se agitando no mato, e não perdeu tempo, atirou logo. Outro inimigo caiu, a uns dez passos de distância.

Pouco atrás um legionário jogou duas granadas, uma após a outra, e Sagnier ajoelhando-se imediatamente, cobriu a cabeça com os braços. As explosões provocaram uma densa nuvem de fumaça.

Mais adiante ainda, a uns quinze ou vinte metros, duas figuras humanas corriam perseguidas pelos dispaes dos comandados do sargento Altpert. Finalmente caíram também.

O fogo diminuiu rapidamente. Altpert e Leducq surgiram então, quase ao mesmo tempo.

— Nós lhe pregamos uma boa peça, tenente — falou Altpert.

Sagnier acenou com a cabeça.

— Baixas? — perguntou.

— Um ferido — atalhou Leducq.

— Nenhuma — respondeu Altpert.

— Um morto, tenente, Jenkins — falou o cabo Briason, aproximando-se.

"Jenkins", pensou Sagnier. O inglês taciturno e reservado, cuja presença na Legião era um mistério. Ninguém sabia de seus motivos, nem tampouco tinha-se o direito de saber. As razões de cada um eram sagradas.

— Boa "praça" — murmurou Leducq. — Com sua permissão, tenente, darei uma volta pelos arredores.

— Conte os cadáveres e destrua as armas, sargento.

— Sim, tenente.

— Altpert, não descuide a vigilância. Não sabemos quantos são e talvez apareça mais alguns guerrilheiros para nos dar complicações.

— Entendido, tenente.

Sagnier acendeu um cigarro. A emboscada havia, afinal de contas. O cigarro tornou-se amargo ao pensar em Selene.

"Bom, por que diabos me preocupo com ela? Se é uma espiã, menos dias mais dias, eles a apanharão. Não gostaria de estar em sua pele", pensou.

Todavia estremeceu ao pensar na pele branca e macia da cantora, atingida pelas balas de um pelotão de fuzilamento.

Leducq voltava pouco depois, e informava:

— Dezesseis mortos, tenente. Nenhum ferido e não pudemos fazer nem um prisioneiro sequer.

— Pena — comentou o oficial. — Talvez revelasse alguma coisinha qualquer.

— Sim, muito possivelmente — concordou o sargento.

— Bem, é hora de voltarmos. A caminho.

E enquanto faziam o caminho da volta, Sagnier sentiu um desejo irrefreável de ver Selene novamente.

CAPÍTULO VIII

Entrou no "Le Coq Jaune" e encontrou-o lotado como sempre de legionários. À sua chegada uns policiais carregavam um bêbedo com hemorragia nasal, e o sargento da patrulha noturna o cumprimentou respeitosamente.

Correspondeu à saudação com o olhar fixo no balcão. Os olhos de Nadine também fixos na sua pessoa. Precisava pelo menos cumprimentá-la, mesmo não gostando muito da ideia. A presença de Selene o fazia esquecer completamente a atração sentida pela pequena.

Abriu passagem até o balcão com dificuldade e ao chegar, Nadine, sombria, colocou-lhe um copo na frente.

— Olá! — falou secamente.

— Olá! — falou seca.

— Hum, parece aborrecida.

— Sim, mas não muito, e não é por sua causa, Fred.

— Gostaria de lhe dizer uma palavra.

— Agora não tenho tempo. Se quer falar comigo, venha ao meu alojamento, depois do bar fechado.

— Será um pouco tarde, Nadine.

— Se me chamasse Selene — comentou a pequena, cáustica — você viria a qualquer hora, hein?

Sagnier apertou os lábios.

— Está bem, irei. Embora admirado. Desde quando admitem homens nos alojamentos?

— Quebrarei a regra por uma vez. Outras tem menos escrúpulos que eu, sempre convidam homens.

Sagnier indignou-se.

— Não é verdade, Nadine.

— Não? Tenho um bom "Deuxième Bureau" particular... é o instinto natural...

— Está bem — grunhiu. — Selene me convidou por duas vezes à sua casa, mas não houve nada de mais, embora pareça o contrário. Não é uma qualquer, Nadine.

A pequena sorriu de forma estranha.

— Quem sabe?... Em todo caso venha logo mais.

— De acordo — aceitou de má vontade.

Não passaria a noite ao lado de Selene, e realmente, Nadine mentia, nada acontecera. Selene sempre se mostrava fria e calculista.

Enfzado perguntou-se pelos motivos de Nadine ao chamá-lo para um encontro esta noite. Nunca ela admitira ninguém no seu alojamento, fosse oficial ou legionário.

Bebeu sua bebida lentamente, e quase terminava quando explodiram os aplausos.

Selene aparecera no pequeno palco, e agradecia as palmas com inclinações graciosas.

Olhou para o jovem e sorriu-lhe com ternura.

Sagnier sentiu o coração bater mais forte, mas ao mesmo tempo lembrou-se da emboscada, e endureceu a fisionomia. Seria ela a espiã? Ou o pianista que sempre a acompanhava nas canções?

Terminada a primeira parte do seu número, a artista dirigiu-se pra o seu camarim, lá para os fundos da taverna, e Sagnier acompanhou-a.

Bateu com os nós dos dedos na porta e a pequena mandou-o entrar.

Mudava de roupa atrás de um biombo, mas saiu correndo, envolvendo-se num roupão felpudo. Lançou os braços em redor do pescoço do oficial e o beijou com paixão.

— Amorzinho!

— Está mais bonita que nunca. Não existe mulher tão linda, Selene.

— Bobo! — riu evidentemente lisonjeada. — Gosta de mim?

— Muito! — confessou. E era sincero.

— Não sei o que me aconteceu — falou Selene baixinho, olhando-o afetuosamente. — Nunca me aconteceu isso antes, Fred.

— Estamos na guerra — murmurou ela com as feições sombrias.

— Não é eterna. Qualquer dia terminará.

— Você luta.

— Não posso evitar, querida.

— Meus Deus! Estremeço só de pensar no que pode lhe acontecer — abraçou-se a ele. — Se lhe ocorresse algo... nem quero imaginar Fred.

Sagnier acariciou-lhe os cabelos. Sentia-se satisfeito com o amor da artista.

Todavia, e se ela fosse o agente inimigo de que lhes falara o comandante Barran? E se apesar de todas as aparências em contrário, Selene apenas fingisse?

— Esqueça-se disso, amorzinho — falou tentando acalmar suas apreensões. Você e eu estamos juntos, não importa mais nada.

— Sim, é isso mesmo. Se soubesse como meu amor é forte...!

Beijou-o novamente, e quando se separaram, Selene tinha o rosto ruborizado e a respiração alterada.

— Selene — falou, lembrando-se de alguma coisa.

— Sim?

— Esta noite... não poderei encontrá-la depois de seu número.

— Por quê? Vai sair com a patrulha?

— Não, não é isso. É...

Mordeu os lábios, arrependido do encontro marcado com Nadine.

— Algum serviço especial? Amorzinho, pode confiar em mim — murmurou a pequena docemente.

Sagnier fitou-a.

— Por que tanto empenho em saber dos motivos de sua ausência esta noite?

— Sinto muito, Selene — desculpou-se. — Não tem importância, mas não poderei ir à sua casa.

— Que pena! — lastimou-se no entanto, tentando sorrir. — Se não quer, não me diga onde vai... Não sou uma espiã dos vietnamitas — brincou.

— Claro! — Sagnier sorriu também. Mas e se fosse? E a imagem do corpo de Selene varado de baías voltou-lhe novamente ao cérebro. — Preciso ir embora. Selene. Desculpe.

E afastando-se depressa, saiu do camarim, amaldiçoando Nadine que o obrigara a aceitar o encontro com ela.

Quando bateu na porta da casa de Nadine não estava com o melhor humor.

Resolvera-se, dar-lhe-ia o fora esta noite mesmo. Não se comportara bem, mas sua atitude de agora era muito mais correta. Melhor não alimentar-lhe as ilusões, não tinha culpa de não amá-la mais...

— Entre! — falaram lá de dentro.

Abriu a porta e entrou para um pequeno vestíbulo, decorado com quadros orientais e de cujo teto pendia um enorme ventilador.

— Saio em seguida — gritou a pequena do outro quarto. — Apanhe alguma bebida enquanto me espera.

— Obrigado.

Não tinha vontade de beber, seu único desejo era terminar o quanto antes a entrevista e sair em seguida.

Sentou-se num diva próximo, e vendo na mesinha, diante de si, uma cigareira, apanhou um cigarro e tentou acendê-lo com os fósforos encontrados também na mesa.

Tentou um, dois, e a caixa escapou-lhe das mãos.

Soltou um grunhido de aborrecimento e estendeu o braço para alcançá-la, mas nesse momento, viu um papelzinho, dobrado várias vezes, provavelmente saído da caixa de fósforos.

Franziu o cenho, e ao apanhá-lo notou ser muito fino. O fato muito o surpreendeu.

Duvidou uns instantes, mas decidindo-se, abriu-o. Havia algumas palavras escritas, e ao lê-las, embatucou:

“H. V. Eck. e F. Full. Investiga. (?)”

Que significariam aqueles estranhos sinais? Investigar quem? O quê? O sinal de interrogação, o que seria também?

Tornou a ler as abreviações. Claro, como não percebera logo de início? Hans von Eckhart e Frick Fuller, os dois criminosos de guerra nazistas. E a palavra "investigar" se referia a eles, naturalmente, e a interrogação significaria dúvida?

Ouviu ruídos no quarto contíguo e apressou-se a recolocar o papel onde o achara.

Aparentemente, o tempo das espãs jovens e bonitas não passara. Seria do Deuxième Bureau?

Nadine apareceu nesse instante, vestida toda de preto, os olhos muito bem pintados, e estava, realmente, estonteante.

Sagnier jogou fora o cigarro e levantou-se enquanto a pequena vinha para o seu lado em passos cadenciados e jogava os braços em torno do seu pescoço.

— Amorzinho! — sussurrou.

Sagnier sentiu-se vencido, rendido aos encantos da jovem, no entanto, não tardou a reagir. A imagem de Selene apareceu subitamente na sua mente.

— Nadine — falou seco — deixemo-nos de rodeios. Diga, para que me chamou aqui?

Ela sorriu insinuante.

— Não compreende, amorzinho? Queria estar ao seu lado, é só isso. Não se sente lisonjeado com a minha escolha?

— Eu... — e Sagnier pigarreou para aclarar a voz. — Olhe, Nadine, será melhor esclarecermos as coisas de uma vez...

Os braços de Nadine apertavam-se cada vez mais.

— Fred, meu amor, deixemo-nos é de bobagens. Estamos sós, só nós dois, e...

Um as batidas soaram bruscamente na porta da entrada, e ao ouvir, Sagnier tentou afastar-se, todavia ela não o deixou.

— Deixe. Um importuno qualquer. Que vá para o diabo! Fred, meu amor, você e eu...

Encostou-se mais contra ele e nesse justo momento a porta se abriu e Selene entrou.

Os olhos de Sagnier arregalaram-se ao ver-se surpreendido em semelhante situação, e numa fração de segundo compreendeu a diabólica astúcia de Nadine. A habilidosa armadilha em que o fizera cair para livrar-se de uma perigosa competidora, e Selene nunca acreditaria na verdade!

A cantora tornara-se terrivelmente pálida, e durante alguns segundos permaneceu completamente imóvel a fitá-los. Depois, sem uma palavra, girou sobre os calcanhares e retirou-se.

O oficial segurou os punhos de Nadine e com brutalidade afastou-a de si.

— Fred! — gritou.

— Solte-me, maldita! — berrou mais alto ainda, cego pela cólera. Separou-se dela e com um empurrão jogou-a contra a parede.

— Fred, não vá embora! — implorou a pequena.

— Esperaria qualquer coisa de você, menos essa indigna comédia — falou irritadíssimo. — Pode-se compreender os sentimentos de uma mulher apaixonada, mas não os de uma mulher vulgar. Você se revelou totalmente, Nadine — respirou fundo. — Provavelmente perdi Selene para sempre, no entanto o mesmo aconteceu com você em relação a mim.

E saiu da casa sem falar mais nada. Desceu a escada de quatro em quatro degraus e lançou-se na rua no encalço da cantora.

Não a alcançou, e furioso e enojado, pois caíra numa armadilha tão boba, voltou para seu alojamento.

Demorou muito a conciliar o sono, nervoso e excitado, não só pelo incidente mas também pelo misterioso papelzinho visto na casa de Nadine. Que haveria entre a pequena e os dois nazistas? Acaso, como agente do "Deuxième Bureau" andaria atrás dos dois?

A noite transcorreu sem que Fred Sagnier resolvesse os problemas que o agoniavam.

CAPÍTULO IX

— Karl Kraniss, o sargento Altpert o chama!

O legionário chamado levantou-se da cama, passou a farda em revista e, encontrando tudo em perfeita ordem, encaminhou-se para a sala onde o sargento se encontrava.

Bateu e abriu a porta. Nem bem dera um passo para dentro, viu uma pistola apontada e os olhos frios do sargento Altpert.

— Se eu disparasse, legionário Kraniss, teria arreventado o seu ombro esquerdo.

O corpo de Kraniss se enrijeceu. Durante alguns segundos sentiu um suor frio correndo-lhe pelo pescoço.

— Ah, o senhor é muito brincalhão! — A pistola moveu-se ligeiramente.

— Bang! — falou Altpert. — E lhe quebraria o fêmur.

Kraniss respirou com força.

— Disseram que o senhor me chamava, sargento.

— Bang! E agora seria a tíbia da perna esquerda, Kraniss, que sentiria se eu lhe arrebetasse os ossos um a um?

— Não sei, sargento. Nunca me aconteceu nada semelhante.

Altpert deixou a arma em cima da mesa e refastelou-se numa poltrona.

— Entre de uma vez e feche a porta, Coronel Fuller.

Kraniss obedeceu e encarou o suboficial.

— Creio que se enganou de nome e de título, sargento — falou impávido. Os primeiros gestos de Altpert o prepararam para o pior.

— Deveras? — o sargento sorriu. — Então não é o Coronel Fuller da SS?

— Nunca ouvi esse nome e nunca pertenci a essa organização.

— Vamos, vamos, somos patrícios. Confie em mim, não o trairia, Kraniss.

— Lamento insistir sobre minha identidade, aliás, pode comprová-la nos meus documentos. Sou Karl Kraniss, meu sargento. Efetivamente, combati na guerra, como a maioria dos alemães em idade militar, todavia jamais pertenci a essa organização.

Altpert fitou-o fixamente durante alguns segundos.

— Lembra-se de Marvilly-sur-Seine, Kraniss?

— Pelo nome, deve ser uma cidade francesa.

— Sim — concordou Altpert. — Há anos um oficial da SS, justamente o Coronel Fuller, um sujeito jovem e ambicioso, ansiando a aprovação dos superiores, e por que não dizer, ansioso por méritos, ordenou a execução de dezenove patriotas franceses. Havia entre eles duas mulheres e um garoto de uns quatorze anos.

— Nunca concordei com os métodos brutais da SS — atalhou Kraniss, impassível. — Além disso, o senhor sabe muito bem, as unidades do exército regular ignoravam os atos da SS.

— O Coronel Fuller, querendo fazer uma experiência, embebeu as roupas de um prisioneiro, membro da Resistência, com querosene e ateou-lhe fogo, contando no relógio, o tempo que demorava a morrer.

— Suponho, sargento Altpert, que esse coronel é tido como criminoso de guerra.

— Isso mesmo, Kraniss.

— No entanto eu não tenho nada a ver com ele, asseguro.

— Enganei-me então, Kraniss. Desculpe-me, e se algum dia encontrar-se em aperto, procure-me. Um sargento da Legião pode muito, compreende?

— O senhor é muito amável, sargento. Agradeço de todo o coração.

— Deixemos isso de lado — falou o sargento com naturalidade, enquanto examinava uns papéis. — Soube de sua excelente

pontaria, Kraniss, e vamos aproveitar tal aptidão. Chegaram doze recrutas novos e enquanto não tivermos de sair do quartel, você se encarregará deles. Quero que aprendam a atirar rápida e eficazmente. Entendido?

— Sim, sargento.

Altpert entregou-lhe um papel.

— Aqui tem seus nomes. Comece a trabalhar logo com os novatos.

— De acordo, sargento. Algo mais?

— Não. É tudo.

Ao sair, Kraniss suspirou fundo, e tirando um lenço para secar o suor, notou sua mão trêmula. Mais outro a conhecer seu segredo. Leducq não falaria, estava quase tão comprometido como ele, mas e Altpert? Não seria o primeiro alemão a denunciar um patrício, membro das antigas SS. Se... se conseguissem descobrir a verdade... Já sentia até a corda no pescoço. Ou seria a guilhotina?

Perturbado, pensava em alguma saída. A ideia de uma deserção para o inimigo vinha-lhe à mente com insistência. Todavia os vietnamitas lhe cravariam as baionetas antes que falasse. Já haviam feito isso muitas vezes. E a perspectiva de um encontro com o terrível inimigo era ainda mais fúnebre que a guilhotina.

O Comandante Barran mostrava nas feições uma grande preocupação.

— O Quarto Regimento foi atacado, ontem, depois de uma intensa ação de artilharia.

— Invadiram a posição? — Sagnier perguntou.

— Não. Os tanques inimigos chegaram até as fortificações mas retrocederam ao ver a infantaria fazer o mesmo. O ataque foi rebatido à custa de grandes perdas para os vietnamitas, embora os nossos sofressem também,

— Esquisito! — comentou o jovem. A zona do Quarto Regimento é muito rica em vegetação. Parece-me difícil os tanques operarem em meio a tanto mato cerrado.

— Mas operam. E o pior não é isso, Sagnier. Uns três tanques, avariados, ficaram a uns quatrocentos metros da fortificação. Todavia na manhã seguinte não mais se encontravam lá.

— Puxa, levaram-nos então durante a noite.

— Exatamente.

— Quando se reboca carros de combate avariados é para consertá-los.

— Isso mesmo, pelo menos foi o que todos nós pensamos.

— Uma oficina para recuperação de tanques blindados não se pode ocultar facilmente.

Barran tirou de uma gaveta uma série de fotografias.

— Se perder tempo em observar essas fotos tiradas por aviões... não verá nada.

— Existem caminhões de grande tonelagem, capacitados a transportar quaisquer tipos de tanques pesados, Comandante! — Sagnier tomou uma lupa e se pôs a estudar uma das fotos. — Só se vê a floresta.

— Sim — concordou Barran desanimado. — Seguramente possuem estradas, mas com as copas das árvores tão cerradas, não se enxerga nada.

— Por que não envia patrulhas ao Quarto Regimento? Um tanque não desaparece sem deixar rastros.

— O Coronel Lepernay enviou dois pelotões. De um deles, chegou-nos a comunicação de que um caminho fora localizado na selva, mas não deram mais notícias...

— E o outro pelotão?

— Nem sequer nos comunicou sua posição. Provavelmente foram surpreendidos e exterminados, aliás, acho que essa é a sorte dos dois.

O tenente apanhou outro retrato.

— Seria ótimo se pudéssemos encontrar e destruir essa oficina.

— Sim — o desânimo do coronel era patente.

— Nos últimos tempos a pressão do inimigo se acentuou bastante, se nós conseguíssemos isso, deixaríamos eles sem um bom ponto de apoio.

— Hum! — fez Sagnier.

Apanhou uma terceira foto e em seguida uma quarta. Todas perfeitas, mas só se via a selva espessa e luxuriante, impedindo enxergar-se qualquer coisa por debaixo daquela folhagem cerrada.

De repente soltou uma exclamação.

— O que é isso, Comandante?

Baran levantou-se e contornou a mesa.

— Ah, sim. São as ruínas do templo de Chang-Hoi. Esplêndida variação da arquitetura "khmer5" (Cultura de um reino poderoso nos séculos IX ao XIII, hoje Cambodja, célebre par sua escultura daquela época). Como pode apreciar, estão quase totalmente cobertas pela vegetação.

— A que distância fica daqui?

— Uns cento e cinquenta quilômetros, mas os caminhos para lá terminam em Pnom-Eo, a quarenta quilômetros de lá. Suponho — acrescentou Barran — que de Pnom-Eo ao templo haverá caminhos pelo meio da selva, mas ao que eu saiba, ninguém anda por lá.

— E se pode chegar até Pnom-Eo?

— Sim. Quer dizer, até alguns anos atrás, sim, agora não sei. Essa aldeia fica na zona inimiga. Possivelmente os guerrilheiros andam por lá só de passagem, mas não se pode confiar.

O jovem sacudiu a cabeça.

— O templo dista setenta quilômetros do Quarto Regimento.

— Cuidado! Os fiéis budistas são muitos melindrosos e não gostariam que invadíssemos um local por eles considerado sagrado.

— Então por que o deixam abandonado? — Barran careteou.

— Não sei, sei que é arriscado, eles não gostariam...

— Se eu fosse o chefe das forças vietnamitas, manteria ali um depósito de tanques e uma oficina para recuperação — assinalou a foto. — E até juraria que os veículos são conduzidos por um túnel coberto de árvores artificialmente, de modo a não serem vistos pelos aviões.

— É possível, mas se invadirmos o templo e não encontrarmos nada? Qual seria nossa posição? Ganharíamos somente novas inimizades...

— Se não explorarmos o templo correremos perigo maior. Qualquer dia seremos atacados e por tanques, Comandante.

— Está bem — suspirou o comandante. — Consultarei ao alto comando e... De que forma você chegaria a Chang-Hoi, Sagnier?

Depois de refletir, o jovem respondeu:

— Caminhões até Pnom-Eo, e depois...

— O inimigo avistaria vocês, eles tem espões em toda parte... Se o templo for realmente o que pensamos, vocês seriam exterminados antes de sequer perceberem.

— Poderíamos atacar de um modo mais discreto.

— Como? Explique-se, Sagnier. Se a ideia for boa, farei o possível para realizá-la.

— Três caminhões com toldos de lona. Chegaríamos a Pnom-Eo ao escurecer. Cada caminhão pode transportar vinte e cinco homens, dos quais só desembarcaria a metade, talvez menos ainda. Quando anoitecesse os caminhões voltariam, ou melhor, ficariam na aldeia para maior segurança. A meia-noite os homens escondidos nos carros sairiam e se perderiam na selva, quarenta quilômetros não é para assustar um legionário. Digamos, então, dia e meio para alcançar o objetivo, mais meio para reconhecê-lo e destruí-lo... No total quatro ou cinco dias no máximo para a operação. Depois voltaríamos para a aldeia, onde os caminhões nos esperariam. Se as oficinas se encontrarem realmente ali, com alguma quantidade de dinamite nós destruiríamos tudo, e se disse uns quarenta homens foi mais por precaução do que necessidade vital.

Barran considerou a proposta.

— É, com efeito, parece boa a sua ideia. Consultarei o Alto Comando e tratarei de obter a permissão, Sagnier — e mudando bruscamente de assunto. — A propósito, sabe alguma novidade a respeito dos criminosos de guerra?

— Nada ainda, comandante.

— Creio que já localizamos um deles. Trata-se de Kraniss, um legionário há pouco incorporado à sua companhia.

— Kraniss!... E por que não o prendem logo?

— Aguardamos as provas suficientes do "Deu-xième Bureau", não queremos ser tachados de parciais ou injustos.

— E o outro?

— Esse soube ocultar-se melhor.

— Não sei, acho difícil descobrir alguma coisa. Todos se comportam muito bem. Além disso — acrescentou Sagnier, não sei como se arrumaram, nenhum deles tem a clássica tatuagem da SS.

— São raspadas por um processo desconhecido por nós — e encerrando a entrevista, despediu o oficial: — Não temos nada mais a tratar, pode retirar-se.

— Falta ainda uma coisa, comandante.

— Sim?

— O negócio do espião.

— Ah, sim. O sujeito é tremendamente escorregadio. Ainda não demos por ele.

Sagnier estremeceu. Seria Selene? O melhor seria tentar vê-la e conversando com clareza, esclarecer o assunto. Lembrava-se ainda do último encontro tido com a pequena, no camarim desta, quando lhe fizera tantas perguntas.

Havia um meio seguro de conhecer sua verdadeira identidade. Selene se retirara enojada depois de surpreendê-lo no quarto de Nadine. Se realmente fosse uma espiã, tentaria atraí-lo novamente. Uma agente vietnamita não deixaria escapar uma situação tão boa.

No entanto, quando mais tarde a procurou, encontrou a casa vazia. E Duquesne, o dono do "Le Coq Jaune", quando interrogado pelo oficial, assegurou que Selene fora embora, sem sequer se despedir.

O jovem então mais se preocupou. O procedimento de Selene indicava uma única coisa: percebera os agentes do "Deuxième Bureau" seguir-lhe os passos e optara por desaparecer, escapando assim das balas do pelotão de fuzilamento.

CAPÍTULO X

A coluna parou e o sargento Leducq distribuiu vigias por todos os cantos a fim de evitar uma surpresa qualquer.

Já estavam a uns vinte quilômetros da aldeia, e vinte quilômetros há pouco percorridos em pouco mais de oito horas, os cansaram enormemente, mesmo sendo homens tão treinados como eram. Sagnier concedeu um descanso de várias horas, ainda restava metade do caminho para percorrer, e melhor seria chegar ao objetivo com forças suficientes para combater, se necessário fosse.

O oficial então esticou-se ao pé de uma árvore, a metralhadora ao alcance da mão, fechou os olhos relaxou os músculos e mais uma vez pensou em Selene e no seu misterioso desaparecimento.

Já não havia mais dúvidas. Selene era uma espiã, e embora fosse muito difícil, tentaria esquecê-la.

Por uns minutos sentiu a raiva crescer contra a moça. Mas afinal de contas não devia se queixar. Ela desempenhara seu papel. Encontrar-se-ia novamente com ela?

Uma possibilidade muito remota, melhor tentar dormir para descansar, e pensar noutras coisas.

Pouco mais adiante o legionário Kraniss limpava seu fuzil, sentado perto do sargento Leducq, ingerindo, calmamente, o conteúdo de uma lata de conserva.

Os olhares dos dois homens cruzaram-se. Kraniss guardou o pano com que limpava a arma, balançou o fuzil num olhar apreciador, e levantou-se. Deu alguns passos e se apoiou numa árvore próxima. Acendeu um cigarro, tirando baforadas nervosas.

Leducq aproximou-se antes que terminasse o cigarro.

— Que aconteceu agora? — perguntou em voz baixa e com evidente mau humor.

— Descobriram-me! — explicou simplesmente.

— Quem?

— Altpert.

— Altpert?

Fingiam ambos naturalidade como se conversando acerca de fuzis.

— Sim.

— Como diabos soube?

Kraniss dirigiu-lhe uma olhada penetrante.

— Não foi você o delator?

— Imbecil! Acha-me com cara de procurar minha própria força?

— Quem sabe? Talvez a você não enforcassem. Poderia provar sua inocência. Poderia pedir clemência em vista da delação... Não esqueçamos que eu sou, ou melhor... era, um pouco mais importante que você.

— Mesmo assim, prefiro não correr riscos inúteis, Kraniss. Asseguro-lhe, não fui eu.

— Então, como diabos, Altpert soube? É um recém-chegado...

— Talvez apenas suspeite de você, e procure provas. Pediu alguma coisa em troca de seu silêncio?

Kraniss soltou uma risada irônica.

— Que me pediria? Alguns francos? O soldo de um legionário é miserável, se toma um ou dois tragos e pronto, acabou-se... Não, Altpert não me pediu nada... E isso me faz suspeitar...

— Suspeitar?

Kraniss olhou ao redor com ar cuidadoso, e baixando a voz mais ainda, murmurou:

— Ele é um agente do "Deuxième Bureau", não tenho a menor dúvida.

— Um policial!

— Isso mesmo.

— Mas na Legião...? Impossível, Kraniss.

— Em todo caso não acredito que Altpert me possa prender.

— Por quê? — perguntou Leducq, estremeando ao sentir o ódio nas palavras do companheiro.

— Num combate, sargento, é muito difícil desviar-se uma bala. E eu garanto, se toparmos com os vietnamitas, Altpert não voltará vivo ao quartel.

Leducq assustou-se.

— Não fará isso, Kraniss! — protestou.

— Não? Ouça, sargento: eu antes de todo mundo, entendeu? Pensei muito e concluí, é a única maneira de sair fora desse atoleiro.

— Mas como pode assegurar-se da profissão da Altpert?

— Pela sua forma de falar, fala correto demais, e sem sotaque algum. Um alemão puro sempre tem algum sotaque, da região natal: Baviera, Ruhr... Na Alemanha, Altpert iria longe e possivelmente ninguém descobriria que ele não é um germano puro. Todavia um homem, sentindo sua vida em perigo, torna-se um bom observador. Ademais não me lembro de nenhum Altpert entre os homens de minha unidade. Lembra-se você dele nos escritórios?

— Não — respondeu Leducq pensativo.

— É um policial, não cabe a mínima dúvida — Kraniss sorriu. — E logo deixará de ser — fez uma pausa. — Meu francês não é tão perfeito como o seu por essa razão, eu continuo alemão. Em troca, ninguém desconfiaria de sua verdadeira nacionalidade.

Leducq olhou fixamente para o companheiro.

— Não deixarei você matá-lo, Kraniss. Meta isso na cachola.

— Então, a primeira bala será para você. Um cadáver a mais ou a menos, pouco me importa.

— E Altpert não deixará nenhuma informação atrás de si? Acredita nisso, Kraniss?

— Correrei o risco. Ele não voltará dessa missão, garanto, Sargento. E você também se tentar me impedir.

Leducq sentiu por uns breves momentos a enorme tentação de tirar a pistola e acabar ali mesmo com o desgraçado. Homens como o Coronel Fuller, cegos e enlouquecidos pela egolatria, pela megalomania foram que mandaram a Humanidade para uma catástrofe sem precedentes. Homens como Fuller, agora Kraniss, foram, os que o converteram num criminoso de guerra. Por que não matá-lo, dizer logo a verdade e acabar de uma vez com todos seus temores? Todavia o medo maior à força o controlou.

Kraniss percebeu sua luta interior e sussurrou:

— Não o fará, sargento. Lembre-se. A linda Albertina, violentada e morta. As mãos crispadas num medalhão...

— Basta! Não fui eu!

— Eu sei disso, mas quem mais acreditaria?

E Kraniss afastou-se rindo, um riso estranhamente baixo, como o silvo de uma serpente.

Leducq então acendeu um cigarro com a mão trêmula. Também não tinha dúvidas, Altpert era um agente da polícia e descobrira sua pista. As observações de Kraniss não podiam ser mais corretas. Além disso...

Nunca sonhara em voz alta, mas teria certeza? Naquela noite tivera um pesadelo tão agonizante e provavelmente pronunciara o nome de Albertina. E se Altpert fosse realmente um polícia, sabia do caso.

As dúvidas ainda o atormentavam, quando, várias horas depois o tenente Sagnier ordenou o recomeço da marcha.

* * *

Pararam novamente. Já três quartas partes do caminho percorrido, segundo os cálculos do oficial, e se tivesse seguido pelos tortuosos caminhos dos nativos ainda andariam mais depressa, todavia o tenente preferia fugir dos caminhos, e andar pelo meio da selva.

Sagnier consultou o relógio quando Altpert acercou-se.

— Acho melhor passarmos a noite aqui Andar no escuro seria uma imprudência.

— Boa ideia, tenente.

— Só nos restam dez quilômetros para percorrer, e faremos essa distância em quatro horas folgadas. Partindo antes do amanhecer, alcançaremos Pnom-Eo, entre oito e meia, nove horas da manhã, amanhã. E a exploração antes do meio-dia estaria terminada.

— O senhor pensa encontrar vietnamitas no templo, tenente?

— Soube de algumas particularidades do templo de Chang-Hoi — contestou o jovem. — Tem, ou tinha, sessenta metros de comprimento; é mais ou menos quadrado, e possui umas seis ou oito varandas superpostas, de uns quatro metros de distância uma da outra, uns trinta metros de altura total. A meu ver, é um lugar ideal para esconder os tanques blindados, a oficina para reparos e depósito de víveres, combustível, água, munições. Ao menos — concluiu, — se eu fosse o chefe do inimigo, assim agiria.

— Sim, deve ser um lugar fantástico. E muito vigiado.

— É possível, mas também é possível que não contem com bastante ousadia nossa para chegar até lá. Em todo caso, saberemos disso antes do meio-dia de amanhã. Enquanto isso...

Sagnier interrompeu-se bruscamente. De uns cinquenta metros adiante vinha um alarido bastante esquisito.

Os legionários a um só tempo engatilharam as armas, todavia seu chefe, o tenente Sganier tinha a cabeça rodando. Já era sumamente estranho ouvir um grito humano naquelas paragens, mais estranho ainda que fosse um grito de mulher.

O berro se repetiu, e um bando de pássaros, assustados, levantou voo.

CAPÍTULO XI

Os olhos de todos os legionários fixaram-se no chefe, esperando uma ordem, que não tardou a vir.

— Investiguemos, todavia sem produzir o mínimo ruído. Miltz, com três homens, pelo sul. González, mais três homens, pelo norte. Altpert, com mais três, sigam-me. Leducq, você fica com o comando do restante da patrulha. Em marcha!

Sagnier avançou, seguido do sargento e mais três legionários, enquanto os gritos da mulher prosseguiram. De repente silenciaram, e o som de vozes masculinas chegou até eles.

O oficial, cuidadoso, afastou umas ramagens para o lado e ao enxergar uma pequena clareira, quase gritou de espanto.

Havia uma mulher com os braços amarrados ao tronco de uma árvore. Parecia desmaiada, e no pescoço tinha uma corda. Seu corpo pendia mole e apenas as pontas dos dedos dos pés roçavam a grama do chão. Tinha a cabeça caída e os cabelos jogados cobriam-lhe o rosto, mas pelo tom da pele do pescoço e dos braços Sagnier a reconheceu.

Estaria sonhando? Selene aqui, em plena selva?

Mas não havia dúvida. Era Selene torturada por uns quatro ou cinco vietnamitas.

Sagnier quase atirou, mas controlando-se, mudou a metralhadora de mão e tirou a faca de combate da cintura.

Sopesou a arma com a mão. Seria difícil acertar daquela distância, todavia não havia outro jeito. Então, quando o guerrilheiro tirou o cigarro da boca e ia queimar a pele da prisioneira, o oficial mandou a faca em sua direção.

A lâmina acertou o chefe dos vietnamitas bem no pescoço, entre o queixo e a orelha, fazendo-o dar um tremendo salto para o lado. Ao cair ao chão já morrera.

Os outros se assustaram quando viram o chefe cair morto, todavia outra faca já vinha silvando e acertou outro homem.

Os três restantes então perceberam e imaginaram o inimigo cercando-os. Uma outra faca chegava. Passou por um vietnamita não o alcançando, mas atingindo outro, pouco mais atrás, ferindo-o mortalmente.

Agora só dois, que começavam a correr para a selva, seguidos pelo grupo do cabo Gonzáles. Uma rápida luta, alguns gemidos e poucos segundos após dois corpos humanos jaziam estirados no solo.

— Uma faca! — pediu Sagnier ao final da luta e percebendo Selene ainda desmaiada.

Entregaram-lhe uma lâmina e o oficial cortou as cordas, prendendo a moça.

Sagnier segurou-a antes que caísse ao chão.

— Altpert, encarregue-se de vigiar os arredores. E você aí — falou dirigindo-se a um legionário — traga-me água, depressa!

O cabo Gonzáles aproximava-se.

— Todos cinco mortos, tenente — informou.

— Reviste todo mundo, talvez encontremos qualquer coisa interessante.

Nisso Selene começou a se agitar, murmurando palavras desconexas, e o médico chegou. Ajoelhou-se ao lado do corpo da moça, abrindo logo a caixa de primeiros socorros.

— Que aconteceu, tenente?

— Torturaram-na, queimando-lhe a pele com pontas de cigarro. Desmaiou de dor.

O enfermeiro sacudiu a cabeça.

— Esquisito — murmurou. — Que fazia essa pequena aqui, no meio da selva?

Apanhou um tubo de pomada e começou a curar as feridas, enquanto o oficial permanecia em silêncio. Não respondera a sua pergunta. Ignorava as causas que a trouxeram aqui e também achava a situação estranha.

Sagnier pensou que talvez fossem os próprios companheiros a castigá-la, em todo caso, quando recobrasse os sentidos, daria explicações sobre o fato.

O enfermeiro continuava a trabalhar. Agora tirava um frasquinho da maleta e depois de destampá-lo levou-o aos lábios da cantora. Selene tossiu, era álcool, e abriu os olhos, fitando em torno espantada. De repente reconheceu o oficial e sentou-se depressa.

— Fred! — exclamou. — Que faz aqui?

— Também faço a mesma pergunta — esticou o braço e tomou a garrafinha das mãos do enfermeiro. — É conhaque, beba outro trago, fará bem.

Automaticamente ela obedeceu. As cores voltavam-lhe ao rosto, e sua respiração tornava-se mais e mais normal.

— Fui sequestrada! — falou finalmente. Sagnier olhou-a com incredulidade.

— Sequestraram? E porque, pode-se saber?

— Prefiro não responder.

— Hum — murmurou o oficial. — Isso não me convence muito. Não veio com eles de boa vontade e depois eles a torturaram por que você não trabalhou como eles esperavam?

Um débil sorriso aflorou aos lábios da artista.

— Como se engana! — exclamou. E logo em seguida: — Tem rádio?

— Sim — respondeu sem pensar.

— Se não se importa, gostaria de mandar uma mensagem. Quer mandar o operador aqui?

Sagnier então começou a compreender.

— Sim, claro! Altpert, mande o operador aqui com o rádio — mandou ao sargento.

Gonzáles aparecia nesse instante com uns papéis na mão.

— Encontramos isso com eles, tenente. Não sei se são de alguma utilidade.

— Obrigado, cabo.

O homem do rádio chegou com o aparelho, colocou-o no chão, tirou a antena para fora.

— Tem papel e lápis? — perguntou Selene ao oficial.

— Sim, tome.

A moça sentada no chão começou a escrever rapidamente, enquanto Sagnier, perto, examinava os papéis, trazidos pelo cabo. De repente soltou uma exclamação.

Encontrara um bilhete e uma das frases parecia-lhe familiar. Talvez a resposta àquele papelzinho achado na caixa de fósforo de Nadine.

"Cognac", dois. "Cin", um, um e zero cinco. "Ron" zero dois zero. "Bitter", seis. Gelo, pouco. Cerejas, uma. Azeitonas, não, não. H.V. Eck. e F. Full. Acho difíceis. Investigarei."

A primeira vista mais parecia uma receita para coquetel, e somente não seria pela referência aos dois nazistas. Seria provavelmente uma mensagem a respeito dos movimentos das tropas. Mas quem seria o espião?

Olhou para Selene. A moça terminava de escrever e arrancava a folha do bloquinho, passando-a depois para o operador.

— Transmita isso pela frequência sete — falou em tom imperativo.

O legionário, com os olhos, pediu a aprovação do oficial. Sagnier então esticou o braço e tomou o papel.

— Se não se importa, passaremos sua mensagem pela censura.

— Oh, sim! É justo — sorriu. — Mas você não entenderá nada, Fred.

O jovem mordeu os lábios. Com efeito, a mensagem era um conjunto de frases e palavras cada qual mais absurda, mas que, evidentemente, teriam um significado. Leu a mensagem e ao terminar, fitou a pequena com o desapontamento pintado no rosto.

— Que é isso, Selene? Explique, por favor.

— Não é momento para explicações — atalhou a pequena. — Se gosta realmente de mim, faça o que lhe peço.

— Nesses assuntos os sentimentos não intervêm em nada. Explique-se de uma vez. Quem é e o que faz aqui?

— Acreditaria em mim? Não posso provar. Unicamente posso pedir-lhe para transmitir a mensagem.

A suspeita de que Selene talvez fosse um agente do "Deuxième Bueaur" veio-lhe a mente. Mas e se não fosse?

Ela aparentemente adivinhou suas dúvidas.

— Raptaram-me do meu alojamento e me trouxeram para cá, Não quis falar e me torturaram. Você mesmo viu, Fred; portanto,

não deve desconfiar de mim. Além disso, quer uma detalhada exposição de sua missão em Pnom-Eo? — de repente viu os papéis no colo e antes que eles percebessem, apanhou-os sem nenhuma resistência da parte do oficial.

Sagnier convenceu-se.

— Transmita a mensagem — ordenou ao radiotelegrafista.

A noite caía com rapidez e as sombras se acentuavam. Então Selene pediu uma lanterna. Sagnier objetou que não, uma luz seria perigosa.

— Não há um vietnamita sequer, num raio de dez quilômetros — atalhou a pequena com suficiência.

Continuou a ler os papéis, agora iluminada por uma lanterna, e de repente soltou uma exclamação.

— Claro! Como não vi antes? — esticou o braço. — Detenha a transmissão, legionário, preciso modificar a mensagem. Digalhes para permanecerem à espera.

Nesse momento o operador olhou para o Tenente, mas esse deu de ombros, como dizendo; — "Aqui, rapaz, não apitamos".

Febrilmente Selene escreveu mais alguma coisa e depois de entregar novamente o papel ao radiotelegrafista, sorriu satisfeita.

— Alguém vai se encrencar e muito esta noite — falou.

— O comandante Barran andava atrás de um espião — retrucou Sagnier.

— Sei, e também sei quem é.

— Quem?

— Não é da sua alçada, Fred.

Sagnier apertou os dentes uns contra os outros.

— Melhor seria deixar os vietnamitas continuarem seu trabalho.

Selene sorriu com ternura.

—. Você não fala a sério, querido.

— Puxa! — exclamou o oficial surpreso. — Como mudou sua atitude em relação a mim!

— Bem — gaguejou confusa. — Quando o vi nos braços de Nadine fiquei com muita raiva, mas quando compreendi a verdade, já estava nas mãos do inimigo.

— E agora?

— Fred, este não é nem o momento nem o lugar adequado para discutirmos nossos problemas pessoais.

O operador chamava-lhe a atenção nesse instante.

— Senhorita! A mensagem terminou.

— Alguma resposta?

— Duas palavras: "Obrigado. Parabéns".

Selene agradeceu ao legionário e em seguida queixou-se de fome para Sagnier.

Sagnier fez algumas brincadeiras a respeito de sua linha, mas finalmente trouxe uma lata de sardinha, algum pão e o resto de um café frio. Apesar da refeição frugal, o tenente sentia-se contente de achar-se ao lado da pequena.

Todavia ao amanhecer, a realidade se impôs novamente.

CAPÍTULO XII

Ainda brilhavam as estrelas no céu, quando a coluna retomou a marcha.

— Você ficará na retaguarda com dois homens de guarda, falou Sagnier para a moça.

— Só se for de pés e mãos atados. Sei da sua missão perigosa, compreendo, mas preciso tomar minhas informações.

— Das informações eu me encarrego. — resmungou.

— Não, é minha obrigação. Vamos?

Eram seis da manhã. Às nove e meia alcançaram o templo, e Sagnier deu ordem de pararem. Colocado atrás de um grosso tronco, contemplou o enorme edifício de vegetação, na maior parte plantas trepadeiras, que somente deixavam alguns pedacinhos das paredes descobertas.

— Aqui estamos! — sussurrou Selene ao seu lado.

— Tudo parece muito tranquilo e silencioso — observou o oficial.

— Emprésteme o binóculo, Fred.

Sagnier entregou-o e Selene, depois de contemplar muito tempo, falou:

— Tome, e olhe a primeira varanda, Fred. A mais baixa. As plantas estão arranjasdas de modo a formar um túnel daí até a segunda varanda. É obra dos vietnamitas, Fred.

O jovem concordou, e pouco depois descobriu outro túnel igual. Este, indo da mesma varanda em direção à selva, na realidade, uma cobertura para a saída e entrada de veículos.

Chegara o momento de agir. Sagnier, acompanhado dos homens fez uma grande volta e chegou a extremidade do túnel dando para a floresta.

Apurou os ouvidos e parou. Pareceu-lhe escutar ruídos estranhos, bater de martelos sobre objetos de metal, o som de um motor... Não cabia mais a menor dúvida; os vietnamitas usavam o templo para guardar seus tanques, além de ser oficina de reparação e depósito de munições.

Sagnier, voltando-se, chamou por Leducq e Altpert e lhes deu as ordens. Dividiu-se a patrulha: dez homens com Sagnier e o restante entre os dois sargentos. Selene, armada com uma pistola, acompanhava o tenente.

Ao fundo do túnel via-se a porta do templo, de onde vinha a luz das fortes lâmpadas elétricas, iluminando o trabalho dos vietnamitas.

Estavam a uns cinquenta metros da entrada e um sentinela vigiava indolentemente. Sagnier levantou a metralhadora, fez pontaria e apertou o gatilho justamente quando o inimigo dera com ele.

O guerrilheiro caiu atingido por uma meia dúzia de projéteis. Então, começou realmente o tiroteio.

— Adiante! — gritou Sagnier avançando pelo túnel.

Os dez homens o seguiram sem vacilar, e em poucos segundos atingiam a porta.

Soou um disparo e o som de um corpo caindo pesadamente às suas costas o fez gritar:

— Cuide-se, Selene!

Entraram e lá dentro do templo, no meio das altas colunas, viram uma porção de tanques e veículos mais leves para observação. À esquerda, para o fundo, caixas e mais caixas de munição e peças sobressalentes.

Sagnier admirou a astúcia do inimigo em usar tal lugar para esconderijo, todavia não poderia perder tempo em observações.

Um vietnamita subia a um tanque e começava a ajeitar a metralhadora a fim de usá-la, quando Kraniss o derrubou com um disparo certo,

— Incendiar os tanques! — ordenou Sagnier, Seus homens se dispersaram, de vez em quando atirando sobre o inimigo mais afoito. Do segundo andar vinha agora o som de granadas explodindo. Leducq e Altpert atacando os alojamentos onde provavelmente havia guerrilheiros descansando.

Repentinamente Selene gritou:

— Cuidado! Na escada!

A, direita, na escada que conduzia para o segundo piso, vinham descendo mais ou menos uma dezena de vietnamitas.

Selene acionava o gatilho de sua pistola tentando detê-los, enquanto Kraniss, de cima de um dos tanques, rodava a metralhadora de um lado para outro, sempre disparando.

A chuva de balas fez com que os guerrilheiros rodassem escada abaixo sem que nenhum escapasse da morte.

Repentinamente uma explosão muito mais forte e violenta, um dos tanques se incendiou, e o fogo muito rapidamente alcançou as caixas de munições.

Em seguida, outro barulho, mais forte ainda, e Sagnier viu-se jogado ao solo, aturdido, sem saber o que acontecera. Esforçou-se por levantar, sentindo o sangue correr-lhe pelo pescoço.

Olhou ao redor, desesperou-se quando viu o espetáculo: umas das paredes desabara e a entrada fora completamente obstruída. Também as luzes elétricas se apagaram e o recinto estava unicamente iluminado pelas chamas.

Selene também fora jogada no chão, desmaiada.

O ambiente se tornava irrespirável, invadido pela poeira e pela fumaça.

Sagnier correu até a moça aturdida, mas ainda com forças suficientes para rechaçar seu auxílio.

Gonzáles, Kraniss e mais dois chegaram correndo.

O calor aumentava de segundo a segundo. Os tanques de gasolina estouravam um depois do outro em tremendas explosões. Muito depressa o fogo atingiria as caixas de munições, e então o lugar se converteria em um autêntico inferno.

— A escada! É o único meio para escaparmos — gritou a uma pergunta do cabo.

E tomando Selene pelo braço, arrastou-a consigo enquanto os quatro legionários o seguiam correndo.

Subiram a toda pressa e ao chegar lá em cima encontraram os homens chefiados por Altpert.

— Por aqui não podemos sair, tenente — falou o sargento. — As chamas nos impedem.

— Há mais três terraços para cima. É só chegar a um deles e descer pelas trepadeiras. Onde está Leducq?

— No andar de cima, explorando alguma saída, tenente.

— Bem, vamos logo.

O barulho tornava-se ensurdecedor. As explosões sacudiam o velho templo.

Selene gritava assustada enquanto corriam para a escada que os levaria ao terceiro piso.

Chegaram lá justamente quando uma outra explosão quase fez o solo afundar. O templo parecia sacudido pela mão de um gigante colossal, e nesse momento parte dele veio abaixo.

Uma voz gritava:

— Por aqui, por aqui!

Era Leducq, em pé sobre o vão de uma enorme janela, aparentemente alargada pelos desmoronamentos.

— Vamos, saiam todos por aqui. O templo vai cair.

Sagnier jogou a metralhadora no chão e segurando Selene pela cintura, ajudou-a a subir e passar para a varanda.

Os homens restantes os seguiram em seguida, e ao chegar lá fora, Sagnier notou o grupo de Leducq bastante reduzido.

— Que aconteceu, sargento?

— Ofereceram muita resistência, tenente. Acabamos com todos, mas perdi dez homens.

Sagnier torceu a boca. Ele também perdera seis e Altpert, nove. Restavam quinze dos quarenta homens da patrulha.

— Bom, vamos logo, é preciso pular daqui para a terra lá embaixo.

A varanda onde estavam distava uns dez metros do solo. O terraço era bastante largo e ali se achavam uma meia dúzia de tanques, conduzidos por uma rampa escondida na vegetação. Não haveria tempo de procurá-la, melhor pular mesmo.

Sagnier aproximou-se do parapeito e afastando os galhos recuou assustado. Soara um disparo. A bala passou silvando pela sua cabeça, e quase no mesmo instante uma metralhadora começou a atirar.

CAPÍTULO XIII

A situação não podia ser mais crítica.

Às suas costas o templo quase desmoronando e o incêndio, à sua frente, o inimigo, pronto para atirar.

Sagnier não perdeu tempo em elaborar planos de ação. Dividiu rapidamente os homens e olhou para trás. De momento o fogo não oferecia grande perigo, apesar do calor abrasador, se bem que fosse o calor, um dos males menores.

Agarrou Selene por um braço e forçou-a a sentar-se no chão.

— Fique aqui e não se mexa! — ordenou.

Nesse ínterim, o cabo Gonzáles e seus três homens, entre eles Kraniss, se colocaram ao longo do parapeito, vigiando atentamente a selva.

— Não disparem enquanto eu não mandar! — gritou Sagnier.

Apanhou o binóculo e procurou ver alguma coisa através da folhagem. A floresta, propriamente dita, estava a uns cinquenta metros. Sagnier, a muito custo, conseguiu divisar algumas silhuetas escondidas na vegetação. Provavelmente atraídos pela fumaça, imaginaram um ataque e agora permaneciam ali, a espera de que ou morressem queimados ou então que saíssem para matá-los a balas. Refletiu um pouco e voltou-se para o templo.

— Por ora — falou — não cerremos perigo. Podemos esperar por uma melhora do situação. Eles já nos avistaram, aguardam-nos na floresta. Bem, esperemos, então, e continuem vigiando.

Aproximou-se em seguida do sargento Altpert, a uma esquina da varanda.

— Estão a uns oitenta metros daqui, tenente — falou o suboficial.

— Sim, rodeados pelos quatro cantos. Um deles é o incêndio.

No lado de Leducq as coisas iam mais ou menos como no outro, e embora as labaredas ainda fossem altas e fortes, já estavam no fim, queimando os últimos tonéis de gasolina. Daquele lado também havia os caminhões, carregados com caixas de munições e um deles com comida.

— Pelo menos — falou aos companheiros — não morreremos de fome.

No entanto, Gonzáles, levantando seu cantil, atalhou:

— Isso é pior, tenente. Só me resta a metade.

— Procure economizá-la ao máximo. Talvez possamos escapar essa noite. Ah — acrescentou, — passem uma revista nesses caminhões, quem sabe encontrarão algumas granadas. Seriam de grande utilidade se formos obrigados a abrir passagem à força.

— Sim, tenente. Vamos, Kraniss, venha comigo.

Sagnier, então, foi para o lado da pequena.

— Como se sente?

— Bem — respondeu ela num sorriso. — Um pouco cansada, mas nas atuais circunstâncias, pouco importa. Há muitos vietnamitas lá fora?

— Não sei. Não obstante, o suficiente para nos dar complicações, se tentássemos sair durante o dia.

— Sairemos à noite?

Sagnier olhou para o incêndio. As labaredas já eram pequenas, agora quase que só havia fumaça.

— Tivemos sorte — falou. — Vi a morte pertinho.

Gonzáles aproximava-se com uma caixa nas mãos.

— Há um caminhão cheio de granadas. Estou distribuindo para o caso de um ataque.

— Muito bem, cabo!

Sagnier procurou os cigarros e achando-os, acendeu dois, passando um para Selene. Em seguida olhou para o relógio.

— São onze horas da manhã. Não temos outro remédio a não ser esperar pela noite. Eu devia ter mandado você para Hang-Hoi.

— A estas horas, nesse caso, estaria morta. Prefiro achar-me aqui... com você — e olhando-o com um sorriso brilhante — se bem que você não mereça, seu malandro.

— Não tive culpa — atalhou. — Nadine e eu andamos namorando, mas quando eu vi você, esqueci-a por completo. Claro, isso não a agradou, e tenho a certeza, ela chamou você à sua casa, aquele dia, somente para que nos surpreendesse.

Selene assentiu com a cabeça.

— Evidente. Também percebi isso, mas mais tarde; na hora, fiquei louca de ciúmes. Você também não me entendeu...

— Eu a procurei. Não havia ninguém em sua casa, e Duquesne não sabia de nada. Imaginei-a regressando a Hanoi para voltar para a França.

— Tenente! — gritou uma voz repentinamente.

Sagnier levantou-se imediatamente e aproximou-se de Leducq que lhe fazia sinais.

Quando Sagnier chegou, o sargento afastou umas ramagens perto e pediu ao oficial para espiar.

Um frio intenso penetrou nas entranhas de Sagnier. Diante deles, no fim de um novo túnel, um monte de vietnamitas, todos armados e em atitude de espera. Agora não tinha mais dúvidas. Estavam cercados por uma força de muitos homens.

— Vamos passar muito mal — afirmou o sargento balançando a cabeça.

— Avisarei o Quartel-General pelo rádio. Talvez possam mandar-nos reforços ou então aviões para bombardear o local.

— O operador foi morto e o rádio destroçado — falou Leducq desanimado.

Sagnier não retrucou.

O sol se escondia no horizonte, dentro de duas horas seria noite fechada. Sentado no chão, com as costas apoiadas no parapeito, Sagnier refletia desesperadamente, buscando uma solução para aquela entalada.

Um homem acercou-se, abaixando-se ao seu lado. Era o sargento Altpert.

— Assunto desagradável, hein, tenente? — Sagnier sacudiu a cabeça.

— Alguma ideia, sargento?

— Não, senhor; francamente, não. Por que não fala com Leducq? Ele tem muito mais experiência que eu. Talvez sugira alguma coisa.

— É boa ideia. Kraniss, mande o sargento Leducq aqui.

— Sim, tenente.

Leducq chegou pouco depois.

— Continuam no mesmo lugar e são os mesmos ainda, tenente — informou, acrescentando em seguida. — Acho muito difícil sairmos daqui.

— Não lhe ocorre nenhuma ideia? — perguntou o oficial. — Altpert foi quem deu a ideia de chamá-lo aqui.

Leducq lançou um olhar penetrante para o colega.

— Não, tenente, não me ocorre nada.

— Quer dizer que vamos deixar-nos matar sem tentar fazer nada? — exclamou Selene veemente.

— Acalme-se, querida — falou Sagnier. — Ainda estamos vivos e dispomos de nossas armas e de um caminhão cheio de granadas.

— Os guerrilheiros atacarão quando a noite chegar — continuou ela.

— Contamos com isso, e justamente por isso, procuramos uma maneira de escapar daqui.

Altpert contemplou com o olhar crítico a brasa de seu cigarro.

— Aqui há uma outra pessoa capaz de nos dar uma mão nesse assunto.

Sagnier fitou-o, mas antes que indagasse qualquer coisa, o sargento chamava:

— Kraniss!

— Sim, sargento.

— Por favor, venha cá.

O legionário aproximou-se lentamente, enquanto Leducq fitava o colega, sentindo seu receio aumentar. O que Altpert se propunha?

— Kraniss — falou o sargento — nosso "bra-intrust" (Literalmente: reunião de conjunto de cérebros) está muito fraco, talvez com sua ajuda, possamos descobrir uma saída desse inferno.

— Meu cérebro seria de pouca ajuda, sargento Altpert — falou com a fisionomia impassível. — Sou um simples legionário, lembre-se.

Altpert fez um gesto fingido de desânimo.

— Pena! — exclamou. — Pensei que talvez, um antigo coronel da "Werhmacht", com notória experiência de tática e estratégia, pudesse nos tirar dessa situação. Ou quem sabe a experiência do Coronel Fuller é somente em outros ramos, como por exemplo, a tortura e posterior execução de patriotas franceses?

Sagnier sentiu os músculos se retesarem. Olhou primeiro para Altpert, depois para Kraniss, cuja cara adquirira a palidez de cera.

Fazendo um esforço, Kraniss retorquiu:

— Não o entendo, sargento.

Um sorriso irônico apareceu nos lábios do sargento.

— É inútil seu fingimento, Coronel Fuller, da SS. Seu antigo subordinado, o tenente von Eckhardt, também não nos trouxe nenhum auxílio. Por que o senhor não nos ajuda então?

Kraniss moveu-se repentinamente, todavia Selene apontou-lhe a pistola.

— Não se mexa, Fuller, senão dispararei.

CAPÍTULO XIV

O legionário passeou o olhar pelo grupo e levantou os braços.

— Quem é o tenente von Eckhardt? — perguntou Sagnier quebrando o silêncio.

O dedo de Altpert apontou Leducq.

— Leducq! — exclamou Sagnier, tremendamente surpreso. — É verdade, sargento?

Os ombros de Leducq curvaram-se como os de um velho.

— Sim — respondeu com voz surda. — Eu fui o tenente von Eckhardt.

— Acusado de ter violentado e assassinado de uma jovem francesa e ato contínuo de um outro jovem da Resistência — afirmou Altpert enfático.

— Não! — gritou Leducq. — Não é verdade. Quando cheguei ao apartamento de Albertina ela já estava... estava morta. Eu não fui, juro. Matei, isso sim, o francês, mas em legítima defesa — passou a mão pela cara. — Não, não; eu não matei Albertina, eu a amava. E acho que ela também gostava de mim. Para Albertina a questão de nacionalidades diferentes não era importante.

— Mente, Leducq! — gritou Altpert. — Albertina nunca se apaixonaria por um membro da SS.

— Como pode afirmar isso? — perguntou Leducq, surpreso.

— Albertina era minha irmã — o sargento tinha o rosto lívido, coberto de suor. — Altpert não é o meu verdadeiro nome; adotei-o quando ingressei no "Deuxième Bureau", para melhor seguir a pista de dois criminosos de guerra, que segundo minha opinião nem merecem a forca. A sorte de vocês é com os vietnamitas.

— Um momento — interveio Sagnier. — O sargento Leducq confessa a morte de um francês, mas não a de sua irmã, Altpert. Ele deve ser ouvido, não acha?

— Albertina era minha irmã e morreu da pior maneira possível para uma mulher.

— Vejamos — falou o oficial com um acento de autoridade. — Você, Altpert, o que é? Um servidor da justiça ou um homem que se serve dela para seus fins particulares de vingança? Pelo que ouvi, a acusação sobre Leducq é de apenas essas duas mortes, e do crime de natureza sexual, claro. Todavia, se demonstrar sua inocência no caso da moça, sua pena seria muito menor. Está há cinco anos na Legião e alcançou o posto de sargento por seus próprios méritos e isso servirá como atenuante para a sentença.

— É um criminoso de guerra! — gritou Altpert. — Deve ser julgado...

— Pela Lei — atalhou Sagnier. — Não baseado em fatos particulares.

— Albertina era minha irmã...

— Já sei, já sei — falou o oficial aborrecido. — Albertina era sua irmã e por isso o sargento Leducq deve ser enforcado. E que soltem o Coronel Fuller, por que suas cem ou duzentas vítimas não eram irmãos seus, Altpert. Bonito modo de interpretar a justiça. Tenho certeza, se pudesse matar e vingar-se de von Eckhardt, deixaria o Fuller escapar, não é assim?

— Engana-se, tenente — afirmou o sargento com as feições contraídas pela cólera. — Quero os dois.

— E esqueceu das centenas de guerrilheiros ali fora? — indagou Sagnier.

Altpert teve um esgar mostrando desânimo.

— Não sairemos vivos daqui.

— Ainda não morremos, mas continuemos com seu problema particular. Aqui estão os dois criminosos. Que pensa fazer com eles? Não os vai prender, pois não?

— Não serviria para nada. Os guerrilheiros lhes darão o castigo merecido.

— Especialmente a von Eckhardt, não é? — continuou Sagnier acremente. — Seu sentido de dever é muito original, sargento. Para o senhor só existe o matador de sua irmã, os outros, os outros que mataram milhares de infelizes, não tem nenhuma importância. Os infelizes não eram Albertina.

Altpert meteu a mão nos bolsos e, após procurar alguns instantes, um objeto dourado apareceu nos seus dedos.

— Albertina tinha isso nas mãos. Pertencia ao homem que a matou; fora um presente dele. Ainda são visíveis as iniciais gravadas. Veja, tenente — Sagnier alçou as sobancelhas e tomando o medalhão, examinou-o com todo o cuidado. Sim, dentro havia umas iniciais. A do Tenente von Eckhardt.

Virou-se para Leducq.

— Você a presenteou com isso, sargento?

— Sim — tornou Leducq com voz surda. — Foi uma lembrança minha... Ela me aceitou... acho... acho que ela gostava de mim...

— Mentira! — atalhou Altpert lívido.

— Cale-se! — ordenou Sagnier abruptamente. — Continue, Leducq.

O cérebro do sargento trabalhava ativamente. O medalhão... Aturdido, espantado com o horrível espetáculo de Albertina morta, não percebera o detalhe. E quem se referira ao medalhão há tão pouco tempo?

Uma frase veio de repente à sua memória.

"Lembre-se... A linda Albertina, violentada e assassinada... Deitada na sua cama... Nas mãos crispadas, um medalhão..."

Quem pronunciara a frase?

Seus olhos foram até Kraniss. Este compreendeu, no mesmo instante a mensagem do olhar de Leducq.

Kraniss deu um passo atrás, o espanto pintado nas feições.

— Não! — gritou como louco. — Não fui eu! Não matei a moça...!

Leducq avançava.

— Canalhas como você me converteram num criminosos de guerra — silvou Leducq. — Por sua culpa e de outros miseráveis iguais, converti-me num prescrito, num ser abjeto, sem outra saída além da força... — suas palavras eram coléricas e trêmulas.

— Pelo menos reduzirei um pouco o trabalho dos vietnamitas...

— Por piedade — gemeu Kraniss. Tentou levantar o fuzil, no entanto Leducq o atirou longe com um pontapé.

Kraniss ajoelhou-se, agarrando-se às pernas de Leducq, suplicando o perdão.

Sagnier sentia-se enjoado. Selene quase vomitava.

O joelho do sargento golpeou o queixo do legionário, derrubando-o no chão, e seu dedo apertou o gatilho da metralhadora.

— Nunca perdoarei o assassinato de Albertina... — disparou a primeira vez e Kraniss soltou um grito horrível, retorcendo-se pelo chão. — Que sente agora? — perguntou rindo-se como um louco voltando a atirar.

Sagnier levantou-se e avançou contra o sargento.

— Leducq!

Selene fechou os olhos, atemorizada pela horrível cena desenrolando-se na sua frente. Leducq parecia ter enlouquecido ao saber do verdadeiro autor do homicídio e não parava de atirar contra Kraniss, procurando não feri-lo mortalmente. O espetáculo era macabro.

Kraniss saltava, sentindo as dores aumentarem. Leducq, então, mudou de posição para continuar com a tortura com maior comodidade.

— Conhecerá agora a sensação de sentir os ossos quebrados um a um — gritava Leducq possesso ao som de tiros de metralhadora vindos da floresta.

O sargento então se retorceu dando voltas sobre si mesmo, ao sentir-se atingido pelas balas. Sua boca abriu-se emitindo palavras desconexas ao mesmo tempo que levantava os braços agitando-os freneticamente. Finalmente caiu de costas, enquanto Kraniss estertorava.

Sagnier levantou com o braço no estômago (quando tentara acalmar Leducq, levava uma cotovelada deste) e aproximou-se do sargento.

Leducq abriu os olhos.

— Tenente... — gaguejou. — Sinto muito se perdi as estribeiras... Fuller era... era um canalha... Juro, não matei Albertina... Eu... eu a amava...

— Sim, Leducq — murmurou o oficial pensativo.

Um fio de sangue escorria dos lábios do sargento.

— O... medalhão...

Sagnier o colocou entre suas mãos e Leducq sorriu sentindo a proximidade da morte. Levantou a mão esquerda e esforçou-se por levar a joia aos lábios.

— Albertina... — soluçou.

Repentinamente sua mão caiu e os olhos tornaram-se opacos. Sagnier inclinou a cabeça, enquanto Selene chorava.

— Bom — disse uma voz animada — dois canalhas de menos. Evitamos um trabalho para os verdugos.

Sagnier sentiu a cólera invadir-lhe o peito, e sem poder se conter avançou e acertou um terrível murraço no sargento, derrubando-o por terra com os lábios ensanguentados.

— Um deles sim, mas não o outro. Quaisquer que fossem seus antecedentes, foi um legionário, acima de tudo. Esse é um fato que, sujeitos como você, jamais compreenderão.

Fez uma pausa dramática.

— Albertina foi vingada, você está satisfeito. Mas se ela pudesse estar presente, tenho certeza, absolutamente não aprovaria sua maneira de proceder.

Altpert passou a mão pela boca sem atrever-se a retrucar.

EPÍLOGO

O caminhão diminuiu a marcha ao entrar na aldeia, a mando de um polícia militar.

Sagnier, ao volante, tendo Selene ao lado, perguntou pondo a cabeça para fora:

— Que aconteceu?

O policial apontou um numeroso grupo a uns duzentos metros adiante.

— Uma execução, tenente — falou.

— Uma execução? A quem vão fuzilar?

— Uma espiã dos vietnamitas, tenente. Apanharam-na com a mão na massa e...

Soou uma descarga de tiros. Selene estremeceu e tampou os ouvidos.

Sagnier percebeu o estremecimento da pequena e fitou-a fixamente. Sem perguntar, soube instantaneamente o nome da espiã.

— Podem continuar — observou o policial.

O veículo arrancou novamente e pouco depois parava à entrada do quartel. Sete homens saltaram, o que restara dos quarenta legionários da missão ao templo. Sujos, andrajosos, as pupilas brilhando febrilmente. Abrir passagem entre a centena de guerrilheiros que rodeavam o templo não fora tarefa das mais simples.

Sagnier também saltou e ajudou Selene a fazer o mesmo.

— Espere-me aqui — falou.

— Sim — replicou Selene.

O oficial encaminhou-se para Altpert, junto com os sobreviventes e mandou:

— Leve-os ao quartel, Sargento.

— Sim, tenente!

Sagnier olhou-o profundamente e durante muito tempo. Finalmente falou:

— Altpert, você cumpriu sua missão. Não posso queixar-me de você como sargento; realmente, procedeu de acordo. Sua obrigação era desmascarar os criminosos de guerra, e de certa maneira conseguiu — fez uma pausa. — imagino que seus superiores o cumprimentarão, você, afinal de contas, mereceu. Todavia não gostei de uma coisa: sabe a que me refiro, até acho melhor não tocar no assunto. Leducq... o tenente von Eckhardt, pagou seus crimes, se é que realmente os cometeu. De todas as formas você devia-lhe uma oportunidade. Espero não tornar a vê-lo, sargento Altpert.

A mão do agente ergueu-se rigidamente numa continência.

— Às suas ordens, tenente — deu meia volta e ficou de cara com o pequeno grupo de sobreviventes. — Direita! Marchem!

Sagnier contemplou os legionários durante alguns segundos. Em seguida, meneando a cabeça, voltou para o lado de Selene.

— Em que pensa? — indagou a pequena ao notar sua preocupação.

— Em tudo — e tomou o braço da pequena. — Vamos, acho que também você precisa fazer um relatório, não é?

— Claro! — retrucou a moça. E mudando de assunto: — Pobre Nadine,

— Muitos homens morreram por sua culpa — retorquiu o oficial magoado.

— A seu modo, lutava pelos seus.

— Era uma traidora. Teve o fim merecido.

— Melhor esquecermos de tudo, Fred. Muitas coisas desagradáveis aconteceram nos últimos dias, precisamos afastá-las da memória.

— É. Por que, então, não começarmos a preocupar-se conosco, Marie Dupont?

— Ora — falou a pequena surpresa. — Quem contou meu nome?

— Como? Você se chama assim? — exclamou Sagnier mais surpreendido ainda.

Selene parou e o olhou.

— É o meu nome verdadeiro. O artístico... Selene, soa melhor. Não sei como você adivinhou, Fred.

O tenente começou a rir.

— Alguém perguntou, outro dia, qual seria o seu nome verdadeiro, então outro respondeu que, em geral, as mulheres a usarem pseudônimo possuíam um nome bastante vulgar e sugeriu Marie Dupont... O mais curioso é que ele acertou.

— Ah, não gosta, hein?

— Eu gosto é de você, chame-se como chamar-se, não tem importância. Não concorda comigo?

A pequena sorriu com ternura infinita.

— O mais importante é nosso amor, Fred.

F I M